

Miguel Fernandes Moniz

**MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO CONCELHO DE SANTA
CRUZ**

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E
PORTUGUESES

ISE, 2007

Miguel Fernandes Moniz

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO CONCELHO DE SANTA CRUZ

Licenciatura em Estudos
Cabo-Verdianos e Portugueses

Trabalho Científico apresentado ao I.S.E para obtenção do grau da Licenciatura em
Estudos Cabo-verdianos e Portugueses

Sob orientação do
Professor Dr. José Maria Semedo
(Docente do Instituto Superior de Educação – ISE)

ISE, 2007

O Júri,

ISE, 2007

ÍNDICE

Agradecimentos	I
Página de Pensamento/Citação	II
Introdução	III
1 Objectivos do trabalho	3
2 Metodologia da pesquisa	4
2.1 Aplicação do inquérito	4
2.2 Consulta documental	4
2.3 O pesquisador	5
2.4 Processo de colecta de dados	5
3 Enquadramento teórico das manifestações culturais	6

CAPÍTULO I CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CONCELHO

1. Localização geográfica	10
2. População	10
3. Resenha histórico – Administrativo	11

CAPÍTULO II BREVE CIRCUNSPECÇÃO ETNOGRÁFICA DAS MANIFESTAÇÕES

2. Breve circunspecção etnográfica das manifestações	12
2.1. Batuque	13
2.2. Nha Nácia Gomi / Finaçons	16
2.3. Finaçon	18
2.4. Funaná	20
2.5. Tabanca	22
2.6. Outras manifestações consideradas extintas	25
2.6.1. Rituais da morte	25
2.6.2. A reça (rabelados)	26

2.6.3. Outros rituais dos “Rabelados”.....	27
--	----

CAPÍTULO III

FESTAS TRADICIONAIS

3. As festas religiosas (catolicismo).....	30
3.1. Festa de Nhô Santiago (25 de Julho) e o seu dia.....	32
3.1.1. Achada Laje.....	34
3.1.2. Chã da silva.....	35
3.1.3. Cinza.....	36

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações finais.....	39
Referência Bibliográfica.....	41

CAPÍTULO V

ANEXOS

ANEXOS

Agradecimentos

Após o esboço do plano geral do trabalho, cumpre agora agradecer a todos os que, de alguma forma, contribuí para a sua execução.

O mais profundo do reconhecimento ao Professor Dr. José Maria Semedo, não só pela orientação que deu a esta pesquisa, sobretudo, pelos ensinamentos que dele recebi, no domínio da metodologia do trabalho de campo e, mais genericamente, pelo incentivo constante à investigação etno – cultural.

Às pessoas entrevistadas, cultores e pessoas amantes à cultura, sem as quais não seria possível e nem teria razão de ser o presente trabalho, um obrigado pela participação.

Aos amigos, com que falei acerca deste estudo e prontificaram em tudo quanto estiveram ao alcance, quer nos fornecimentos de dados e quer pela força que me deram, um muito obrigado.

Aos meus filhos, pelo encorajamento e em especial ao Rony que incansavelmente sempre prontificou em dactilografar dia e noite o trabalho, um especial obrigado.

À Emília, por todo apoio durante a formação.

Aos meus pais, pelos ensinamentos, educação e dedicação.

A todos fica aqui registado a minha gratidão.

*“O eclipse das humanidades, no seu sentido e
presença primeiros, implica, na cultura e na
sociedade de hoje, o eclipse de humanidade.”*

George Steiner

INTRODUÇÃO

Em Santa Cruz tivemos a sorte de nascer, crescer, estudar, viver, instruir e conviver com os nossos amigos. Na concretização da formação que nos confere o grau de licenciatura em Estudos cabo-verdianos e portugueses, escolhemos um tema que nos conduzisse a um melhor conhecimento desse espaço “ **Manifestações Culturais no Concelho de Santa Cruz**”. O interesse manifestado desde o início traduziu-se na realização de pesquisas sobre as manifestações culturais em várias localidades do Concelho, numa descoberta aliciante e enriquecedora.

Ao longo da acção levada a cabo neste trabalho, tivemos a pretensão de incentivar o gosto pela pesquisa através da aplicação de metodologias, no âmbito da investigação e auto – formação, promovendo assim, uma espécie de intercâmbio cultural entre as pessoas entrevistadas, adquirindo conhecimentos referentes às localidades culturais concelhias, diversificar estratégias motivadoras para as populações/entidades, relacionar a abordagem de várias tradições em contextos espaciais diversificados e favorecer a capacidade de desenvolvimento de planos de acção cultural a nível local.

A introdução da disciplina da Literatura Cabo-verdiana e outras afins no Curso de Formação de Professores, a colaboração, boa disposição e entusiasmo foram durante o tempo em que decorreu a formação e que nos motivaram a escolher o trabalho constante de campo na respectiva área. Como formando e pesquisador ao mesmo tempo, não poupamos esforços para a realização do nosso trabalho, efectuando recolhas, fotografando, analisando as informações obtidas e trocando impressões.

O objectivo principal deste trabalho é demonstrar a importância das manifestações culturais como fonte fundamental para compreender a história e a cultura da população de Santa Cruz.

As pessoas inquiridas das localidades foram bastante receptivas e as autoridades autárquicas e religiosas auxiliaram-nos sempre que para tal foram solicitadas, fomos bem acolhidos e acarinhados.

Foi, no entanto, graças a este acolhimento que as portas se nos abriram.

Com este trabalho, pretende-se ainda sensibilizar as forças locais para a importância da preservação e divulgação das manifestações culturais do próprio Concelho. Pois, tenta assim trazer a sua contribuição nesse sentido e avançar pistas para outros estudos posteriores mais específicos em alguns domínios.

1. Justificação

No âmbito da acção de formação para o grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses, optamos por efectuar um trabalho de recolha e levantamento de “manifestações culturais”, pertencentes ao Concelho de Santa Cruz. Sem pretender ser um estudo rigoroso e exaustivo, achamos pertinentes abordar o tema” **Manifestações Culturais no Concelho de Santa Cruz**, enquadrado na Disciplina de Literatura Cabo-verdiana, como forma de reabilitar e preservar o património cultural das comunidades. Valorizar as manifestações afirma-se, cada vez mais, como pólo dinamizador das populações onde se pretende que as manifestações continuem a ser o que era, contribuindo para a sua promoção e acréscimo de saberes como forma de despertar as comunidades para as suas potencialidades, fomentando assim, a valorização e promoção das mesmas para que as gerações vindouras se enriqueçam e se orgulhem do seu passado cultural. Sendo possível, neste quadro, incentivar o desenvolvimento das populações das diferentes localidades do Concelho em prol da procura de respostas face aos crescentes desafios da sociedade moderna.

Se perguntarmos porquê que então o escolhemos, responderíamos:

Em primeiro lugar, será um trabalho que procura dar continuidade às pesquisas feitas ao longo da formação na área de Literatura Cabo-verdiana, no Instituto Superior de Educação (ISE).

Por outro lado, dar o nosso contributo daquilo que achamos útil para o enriquecimento no plano curricular, na divulgação de conhecimentos, proporcionando deste modo, o desenvolvimento do ensino a nível da cultura.

Pretende-se ainda preservar as nossas raízes culturais com o intuito de não as percamos. Pois, que sejam divulgadas os seus conteúdos estudados às camadas mais jovens, de uma forma estudada e trabalhada, para que os mesmos se interessem em dar continuidade e preservar o valor sócio – cultural dos seus cultores.

Para defender de uma certa forma da superficialidade com que se tem mencionado sobre o nosso regionalismo do ponto de vista cultural, pois exige o estudo aprofundado, com todos os pormenores através dos testemunhos locais, a fim de evitar que haja exagero da nossa originalidade, perante o limite criador e adaptador das nossas comunidades, bem como também para se formar o critério daquilo que é bem de Santa Cruz.

Por outro lado, queremos ainda identificar as manifestações culturais no contexto social, ou seja, averiguar as diferentes características das camadas sociais que a manifestam e as suas várias circunstâncias em que as demonstram.

Na verdade, com este trabalho, pretendemos estudar, divulgar e demonstrar a sua razão de ser, proteger, mas admitindo a evolução que eventualmente as novas gerações poderão trazer para o seu enriquecimento.

Com efeito, mostrar a importância das manifestações culturais como fonte fundamental para aprender a história e a cultura de um povo e, em particular da população do Concelho de Santa Cruz. Além disso, pretendemos ainda estabelecer uma metodologia adequada para a recolha, exploração e transcrição das manifestações culturais, tirando daí todas as implicações no domínio do conhecimento da história, da cultura, do meio físico e humano.

Todavia, a importância desta iniciativa revela muitas circunstâncias que uma nota deste carácter não comporta o desenvolvimento. Mas, pelo menos, assinala-se esta contribuição magnífica e inestimável para o conhecimento da população de Santa Cruz e que ela possa servir de estímulo a iniciativas similares, que o esforço cultural santa-cruzensê exigem.

Pois, esperamos deste trabalho sair de uma forma precisa às orientações que servirão para aqueles que se interessam em realizar trabalho do tipo, no domínio de investigação científica, tendo em conta os supracitados e ainda identificar as diferentes manifestações e a participação da nossa população através das suas raízes artísticas que herdaram do passado. Mas porque seria impensável a sua divulgação junto de população de Santa Cruz, para melhor conhecer e preservar do pouco que ainda nos resta. Eis o facto que mais nos motivou e que revela a natureza das nossas preocupações na materialização deste trabalho.

Esperamos, pois que esse trabalho venha constituir um ponto de referência para o aprofundamento de outros trabalhos que eventualmente poderão emergir.

1 Objectivos do trabalho

Para o presente trabalho definimos como objectivos gerais:

- a) Explicar o enquadramento das manifestações culturais de Santa Cruz no âmbito da Cultura Cabo-verdiana;
- b) Fazer o levantamento das manifestações culturais do Concelho de Santa Cruz.

Em termos específicos, visa-se obter a:

- a) Identificar as manifestações culturais no Concelho;
- b) Promover a reanimação das culturas tradicionais;
- c) Incentivar os jovens a participar em grupos culturais, visando a sua afirmação e divulgação da cultura cabo-verdiana dentro e fora do Concelho;
- d) Mostrar a importância das manifestações culturais como fonte fundamental para compreender a história e a cultura da população de Santa Cruz;
- e) Chamar atenção aos jovens para a preservação das manifestações culturais no Concelho;
- f) Compreender as atitudes dos informantes e da população face às manifestações culturais locais;
- g) Identificar festas tradicionais populares (Sincrético – Religiosas e Profanas).

Julgamos que estes objectivos foram atingidos embora não plenamente devido ao factor tempo e outros factores a que fomos condicionados. Constatamos ainda que os documentos disponíveis na Câmara Municipal deixam uma grande lacuna, precisam recolher mais seriamente todas as tradições e/ou manifestações culturais nas “bibliotecas vivas” e ter como base de dados a documentação e sistematização de informações necessárias às definições e programas no âmbito da população.

Por isso, somos obrigados a recorrer aos testemunhos e memórias de pessoas que vivem e continuam vivendo estas manifestações, tanto os cultores como os amadores e apreciadores das nossas culturas.

2 Metodologia da pesquisa

O nosso trabalho de pesquisa levou em conta alguns suportes metodológicos. Para uma melhor percepção do fenómeno nos seus vários aspectos teve-se a preocupação, durante a recolha dos dados, de definir o tipo de pesquisa e a escolha da metodologia, o contexto em que se desenrola, os participantes, o processo, notas de campo, gravação e ainda a reflexão.

Para a colecta dos dados serviram como instrumentos: o inquérito – questionário aplicado às pessoas de diferentes idades, consulta de documentação junto da Câmara Municipal de Santa Cruz e da Igreja da Freguesia de Santiago Maior, entrevista ao Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Concelho e a Secretária do Conselho Paroquial de Santiago Maior.

2.1 Aplicação do inquérito

Em relação ao inquérito, como seria um pouco difícil abordar a nossa população – alvo, estipulou-se o limite de 15 inquéritos em localidades diversas, tendo como princípio que as informações a serem recolhidas através desse inquérito não teriam rigor de cariz científico, mas sim pretendia-se com ele descobrir algo em factos que possam ser estudados e trabalhados.

2.2 Consulta documental

Ao iniciar-se a consulta documental verificou-se que tanto na Câmara Municipal como na Igreja da Freguesia de Santiago Maior não haviam dados escritos suficientes que possam facultar o trabalho como se previa. Pois, há falta de registos de certos dados ou, por outras palavras, a ausência de certas variáveis tornaria um pouco difícil uma análise mais aprofundada em relação a certos aspectos do fenómeno em estudo. Essa situação pesou muito sobre o factor tempo inicialmente previsto. Consequentemente, em todas as situações, teve-se de consultar directamente

as revistas de informação na Câmara Municipal de Santa Cruz, Fragatas, B. O, nº 108/71, Artilhetras e, sobretudo as entrevistas às pessoas de diferentes idades.

2.3 O pesquisador

Como pesquisador, sou estudante do último ano do I.S.E., em estudos cabo-verdianos e Portugueses.

Para além de estudante, a minha actividade profissional é docente e durante alguns anos leccionei o Português na Escola Secundária de Santa Cruz, Liceu Domingos Ramos e Escola Secundária de Achada Grande. Por outro lado, como santa-cruzense quero dar o meu contributo em tudo que achei útil e que poderá, decerto apoiar a população de Santa Cruz.

2.4 Processo de colecta de dados

Concernentes a esse processo, os dados recolhidos para este trabalho foram colectados entre Agosto a Outubro de 2006, aproveitando esse período que coincide em grande parte com as férias grandes. No entretanto, aproveitamos essa oportunidade para contactar pessoas de localidades diferentes, com o intuito de obter dados para a realização deste trabalho.

Convém, no entanto, sublinhar que para colectar os dados foram contactadas várias pessoas e, com a devida permissão das mesmas foram gravadas em áudio as conversas e entrevistas.

Relativamente as notas de campo, foram recolhidas as informações através de diálogo, na tentativa de observar aspectos comportamentais das pessoas entrevistadas e contém ainda os elementos da pesquisa e das conversas, bem como a descrição do campo e análises reflexivas respeitante à observação durante a colecta de dados. Reflexões essas que têm como objectivo sistematizar os dados, tornando-os mais acessíveis àqueles que porventura queiram investigar sobre

Santa Cruz e, por outro lado, ver os constrangimentos levados a cabo durante as entrevistas, tais como:

- a) Dificuldade de encontrar pessoas escolhidas em casa ou outro lugar;
- b) Insuficiência de tempo e sobretudo por carência de meios;
- c) Insuficiência de documentação com dados precisos.

No que diz respeito ao contexto de pesquisa, diríamos que se trata de uma pesquisa de contactos às pessoas nas diversas localidades do Concelho, tais como: Vila de Pedra Badejo, Ribeira Seca, Achada Ponta, Santa Cruz, Achada Campo, Achada Laje, Chã da Silva, bem como ao Arquivo documental da Câmara Municipal de Santa Cruz e a biblioteca da Paróquia da Freguesia de Santiago Maior.

Apesar dos contratempos, tivemos a oportunidade de recolher informações junto das pessoas, embora com muita insistência por nossa parte. No entanto, podemos afirmar que foi muito profícuo o encontro com as pessoas entrevistadas e ajudaram no enriquecimento do nosso trabalho de pesquisa.

3 Enquadramento teórico das manifestações culturais

«É imperativo fundamental do estado criar e promover as condições favoráveis à salvaguarda da identidade cultural como suporte da consciência e dignidade nacionais e factor estimulante de desenvolvimento harmonioso da sociedade. O estado preserva, defende e valoriza o património cultural do povo Cabo-verdiano».

(Art. 16 da Constituição de República de Cabo Verde)

A chegada dos navegantes portugueses às ilhas de Cabo Verde efectua-se a partir do terceiro quartel do século XV. Para alguns historiadores, os portugueses avistaram e aportaram à Ilha de Santiago em 1462. Todavia, não existe uma opinião unânime na historiografia sobre a data exacta

dessa chegada, assim como quem teria sido o primeiro Comandante que aí chegou ¹. Contudo, são normalmente aceites os primeiros anos da década de sessenta como data de chegada dos Portugueses às ilhas.

As ilhas de Cabo Verde, eram desabitadas, aquando do seu povoamento teria sido iniciado com um processo de mestiçagem, resultante do encontro das várias etnias, que aí se entrecruzaram e, tendo como resultado a sociedade crioula. Mestiçagem esta que se impôs entre os elementos como uma força física, que nenhum outro elemento teve o rigor suficiente para lutar. Assim sendo, o povo que assim surgiu, nem europeu nem africano, era pois um produto do encontro dessas culturas.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a especialidade de identidade cultural cabo-verdiana é definida pela miscigenação, por um lado, e por outro lado, pela insularidade que a influencia, visto que a mestiçagem e interpenetração são resultados de diversas culturas, eram as suas tradições, valores, costumes e comportamentos que, pouco a pouco o povo cabo-verdiano vem constituindo a sua própria identidade cultural. Assim, Manuel Lopes afirma que:

«Se o homem depende da natureza, também esta depende do homem. Ele o fez; ele a refaz. Sem cessar o homem modela de novo a sua antiga criadora e dá-lhe o aspecto que, antes dele, ela não tinha» Este pensamento de Anatole France levou em conta uma natureza com a qual se convive, mas não a das minhas Ilhas ressequidas onde os poucos frutos que se colhem são o produto duma luta árdua e desigual feita dum «heroísmo humilde e apagado, preso nas teias de mil impossibilidades»².

De facto, o homem vive em dois estados, por vezes simultaneamente, que são dados universais, o estado da natureza (o homem é um ser biológico como qualquer outro animal) e o estado de cultura (não há homem sem cultura).

Segundo Lévi – Strauss, há uma fronteira fundamental a que todas as sociedades tentam conferir que é a fronteira entre natureza e cultura ³.

Naturalmente, o estado da natureza inclui também o de sociedade, pois no reino animal, poucos são os indivíduos que não constituem seres gregários. Porém, é aqui que os homens

¹ António Carreira, Op. Cit. BARCELOS, C. J. de S., op. Cit.

² Manuel Lopes, in *Revista da Cultura*, nº 2 Julho de 1988, P. 20.

³ Lévi – Strauss, *Antropologia Estrutural Dois Clados*, Tempo Brasileiro, Biblioteca Tempo Universitário 45, 4ª Edição, Paris 1973.

distinguem-se dos outros animais, pelo facto de se agruparem mediante determinadas regras que são inventadas pelo próprio homem e que não são mais do que cultura. Pois, o homem possui uma cultura que evolui de geração em geração, enquanto que os animais mantêm a mesma forma de viver, de procriar e de agir a milhares de anos.

Por se tratar, na verdade, de um fenómeno bastante complexo, e no sentido de clarificar, entende-se, neste contexto, que o homem como ser bio-sócio-cultural resulta duma síntese entre o natural e o biológico, herdado geneticamente, e o artificial, e cultural, adquirido na interacção sócio – cultural, na aquisição do património das gerações anteriores.

No entanto, o carácter essencial da natureza humana está na relação com os outros na sociabilidade. Pois, a cultura é um factor unificante, de cada indivíduo no grupo social, como tal dá ao ser humano o sentimento de pertença de uma comunidade e o sentimento de vivência colectiva.

É importante sublinhar, que todas as sociedades desenvolveram, por um lado, sistemas de proibição e, por outro lado, factores de reconhecimento de certas acções, como elementos fundadores da civilização, levando o indivíduo a subordinar o seu comportamento e preferência ditadas socialmente.

Para Taylor, citado por Bernardo Bernardi (1985), *«A cultura é o complexo unitário que inclui o conhecimento, a arte, a moral, a lei e todas as capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade»*. Trata-se pois, de uma definição que se tornou clássica porque não é discriminante e porque indica factores essenciais da cultura do homem individual – *antropos* – na sociedade – *ethros*.

De facto, a cultura é o processo que confere sentido não só a realidade ou natureza exterior, mas também ao sistema social de que ela faz parte e às entidades sociais e actividades diárias das pessoas pertencentes a esse sistema.

Porém, a cultura tal como a história, é naturalmente aceite como um fenómeno em expansão, em desenvolvimento constante, tendo como característica essencial uma relação de inter – dependência e reciprocidade que estabelece em cena o indivíduo, a realidade histórica, económica e social, ou seja, o meio envolvente.

A cultura, sejam quais forem as características ideológicas das suas manifestações, acaba por ser um elemento fundamental para a História de um povo. Mergulha as suas raízes no húmus da realidade própria do meio em que se desenvolve, reflecte a natureza orgânica da sociedade,

influenciada por factores exógenos. Pois, é na cultura que reside a capacidade ou a responsabilidade da composição e da fecundação do germe que garante a Continuidade da História assegurando simultaneamente as diferentes perspectivas da evolução e do progresso de uma sociedade.

Concernente à Cabo Verde, há na mente e no espírito popular vários elementos culturais que representam o estar e o viver, mais concretamente, a nossa identidade cultural. No entanto, essa identidade não pode ser analisada ou caracterizada numa única vertente, ou numa linha singularizada, visto que fundiu historicamente africanos e europeus.

Se considerarmos a cultura como elemento essencial da identidade de um povo ou de uma comunidade, Concelho de Santa Cruz não foge a regra. Aliás, Santa Cruz é já conhecido, em grande medida, graças à sua participação incidência nos géneros Funaná e Batuque. Contudo, nesta presente abordagem, queremos eleger outras manifestações culturais, para além das já citadas, de ao menos mencionadas e em via de extinção e poucas conhecidas.

1. Localização geográfica

Localizado na parte Leste da Ilha Santiago, cobrindo uma superfície total de 149.30 km², correspondente à 15.1% dos 991 km² que constitui a área total da ilha. Faz fronteira a Norte com o Concelho de São Miguel, Oeste com o de Santa Catarina, a Sudeste com o Concelho da Praia e a Sul com o de São Domingos. A Este é limitada pelo mar.

2. População

Segundo o censo de 2000, o Concelho de Santa Cruz conta com 25.075 habitantes residentes, na Freguesia de Santiago Maior. É um Município novo criado em 1971 pelo Decreto 108/71 de 29 de Março.

A Vila de Pedra Badejo que é a sede do Concelho, situa-se num platô onde predominam as terras baixas do litoral, inclinadas pelo mar à uma altitude que varia de 18 a 30 metros acima do

nível do mar, com uma superfície de 25.5 km². Com uma população de 8.492 habitantes, constitui o único aglomerado populacional com características do núcleo urbano, embora existam outros como Achada Fazenda (2.200 habitantes), Matinho, Chã da Silva, Santa Cruz, Achada Ponta, Ponta, Renque Purga, Salina, Ribeirão-Boi, Librão, Rocha Lama, Achada Igreja, Porto Madeira, Aguada, Boa Ventura, Serelho, Rebelo, entre outros.

Devido as suas características topográficas, com uma enseada abrigada do vento, formando um porto natural, aberto ao mar, numa zona de mar calmo, com uma extensa praia de areia negra de horizonte voltada para a vizinha Ilha do Maio e com um clima árido quente e seco, contrastando com vales verdejantes da Ribeira dos Picos, Ribeira Seca e Ribeira de Santa Cruz, eixo em torno dos quais gira a vida da sua população, tendo em conta que oferecem condições favoráveis à navegação, pesca e habitação. Por estas e outras razões, fez com que a Vila de Pedra Badejo seja o centro de convergência e de confluência para as actividades socio-económica e, nestas circunstâncias, a povoação foi-se ganhando gradualmente de acordo com a dinâmica das populações e dos caprichos da natureza que as mesmas enfrentam dia-a-dia.

3. Resenha histórico – Administrativo

O Concelho foi criado pelo Decreto nº 108/71⁴, de 29 de Março, com vista a promover o desenvolvimento de actividade que o crescimento populacional impunha e possibilita às populações contactos rápidos com as sedes quer do Concelho quer das freguesias, onde os seus problemas devem ser resolvidos, desencravando-se, assim, o Concelho da Praia. O nome, porém, fugiu à regra. Segundo se conta, o proprietário da então Sociedade Agrícola e Comercial de Santa Filomena – SOCOFIL, situada na pequena localidade de Santa Cruz, engenheiro Almeida Henriques, havia proposto às autoridades portuguesas a criação de um Concelho nesta localidade, onde se iria, posteriormente, construir um porto para exportação das suas bananas. Feito os levantamentos, verificou-se que o local não dispunha de qualquer infra-estrutura para o efeito, acabando, no entanto, o Concelho por ser criado, mas com sede na povoação de Pedra Badejo que já era um posto administrativo. Almeida Henriques fez, entretanto, “finca-pé” para que o novel município tomasse o

⁴ Plano Ambiental Municipal de Santa Cruz, Agosto de 2003

nome de Santa Cruz, local de suas plantações. O nome, segundo consta, terá advindo do promontório que dá vista à vizinha Ilha do Maio, cujo nome ficou, também, a dever a grande quantidade de peixe existente nessa redundância e assim apelidado.

De realçar ainda que esta resenha foi delimitada entre 1847 a 1971, ou seja, da história do período colonial entre o “fim” de escravatura e a autonomia concelhia.

Se por um lado os escravos eram o coração da propriedade rural, é natural que a posição económica passasse obrigatoriamente pela compra e manutenção dos mesmos, pois estes eram os promotores da agricultura, e esta por sua vez era a base fundamental para a subsistência daqueles que se dedicam a actividade económica, como é a agricultura, a pecuária e a pesca.

Através da sua localização geográfica, o clima, o relevo e a vegetação são condições indispensáveis à fixação humana num aglomerado populacional a que deu hoje o Concelho, não se esquecendo de destacar, nesta resenha, a importância económica da localidade de Santa Cruz no início da sua colonização e seu povoamento, bem como até ao momento do processo da abolição da escravatura e ao abalo do sistema latifundiário.

2. Breve circunspecção etnográfica das manifestações

A Etnografia como uma das ciências que estuda a vida do homem na sociedade reporta também o estudo das manifestações culturais num determinado ambiente, descrevendo-o de forma objectiva, bem como explicar as actividades manifestadas pelas pessoas.

Ora, como o nosso trabalho centrar-se-á na recolha de dados sobre as manifestações culturais no Concelho de Santa Cruz, entende-se no entanto, que não é possível pensar este estudo independentemente da antropologia cultural que, neste caso está o homem no centro das atenções. Daí que, segundo François Laplatine, citando Lévi – Strauss.

“ (...) *Se a sociedade está na antropologia, a antropologia por sua vez está na sociedade*”⁵.

De facto, as manifestações culturais fazem parte da vida de um povo, isto é, da sociedade. Deste modo, segundo João Lopes Filhos, *o estudo das manifestações como ampla forma de expressão popular, pode ajudar a complementar descrições de padrões culturais*⁶. Desta forma, em Santa Cruz encontra-se vários grupos que podemos observar dentro de um evento de massas que estão viradas para a divulgação das culturas tradicionais herdadas do passado, projectadas pelas mass média, como são os casos de Batuque, Tabanca e Funaná tenham trazidos aos jovens e mesmo aos centros urbanos não só grupos etnógrafos como a discussão das manifestações culturais a nível regional, nacional e internacional. São incluídos nesta forma de manifestação as personagens mais conhecidas nas nossas músicas tradicionais em Santa cruz, como Nácia Gomi, Sema Lopi e Katchás, este último, conhecido como figura de vanguarda e revolucionária da música de Cabo Verde.

De facto, podemos afirmar que a cultura procura entender o sentido que as concepções práticas (ideias, doutrinas, costumes e rituais) para a sociedade que as vive, buscando o seu desenvolvimento na história dessa sociedade e mostrando como ela se relaciona às forças sociais que movem a sociedade. No entanto, não é fácil conciliar o estudo das manifestações culturais numa sociedade como a nossa que não esteja relacionada às instituições poderosas e dominantes. Pois, essa constatação pode levar a que as nossas preocupações de que estamos falando se procure encontrar as raízes dessas manifestações e que contemplem elas sim o carácter revolucionário do saber popular em seu estado mais absoluto.

⁵ François Laplatine, Aprender Antropologia, São Paulo, Ed Brasileira, 3ª Edição, 1988, p. 66

⁶ João Lopes Filho, Cabo Verde para um Levantamento Cultural, Lisboa, Plátano Editora, 1991.

Daí que uma cultura possa ser observada e estudada através das obras realizadas, como literárias, artísticas, entre outras e, sobretudo, dos comportamentos, das acções dos valores e das relações entre os indivíduos, não só de uma determinada comunidade, como deve ser de carácter universal.

Desta forma, acerca da cultura cabo-verdiana afirma João Lopes Filho: *“A cultura cabo-verdiana é, também, consequência de um acumular constante de elementos e o resultado do contacto permanente com culturas diferentes (entre as quais sobressai a portuguesa e os povos da costa africana defronte), facto que ao longo dos tempos tem ampliado as bases da nossa identidade”*.

Na verdade, a história do povoamento das ilhas de Cabo verde, deixa bem claro que com a chegada dos portugueses de várias categorias sociais e das tribos africanos houve, no entanto, o encontro de culturas, de que resulta o fenómeno de aculturação. A propósito desta afirmação, sublinha o antropólogo João Lopes Filho:

“A sociedade cabo-verdiana é um meting pot resultante da convergência de várias culturas e intensa miscegenação de diversas etnias (tanto europeias como africanas), devido não só à maneira como se processou o povoamento das ilhas, mas também, porque a emigração acompanhou, desde sempre, a história e evolução do arquipélago, facilitando contactos e aculturações”

2.1. Batuque

O batuque como sendo uma manifestação cultural tipicamente africana, é sem dúvida uma das formas musicais com mais relevância na ilha de Santiago.

Apesar disso, desde cedo o batuque foi algo de perseguição pelo então regime colonial por ser uma das manifestações culturais diferente da cultura europeia.

No entanto, convém lembrar que no último quartel dos anos 30, o batuque bem como outras manifestações tradicionais foram muito combatidos pelas autoridades portuguesas e também pela igreja, por se considerarem que essas manifestações eram executadas por pessoas de

baixo moral e que estão querendo opor à cultura da civilização. A esse respeito, cabe aqui a declaração do historiador Charles Sanfona Akibodé:

«No B. O. do 7 de Março de 1886, o então Administrador do concelho da cidade da Praia, José Gabriel Cordeiro, faz “saber que todas as pessoas a quem o conhecimento deste pertencer, que sendo os denominados batuques um divertimento se opõe à civilização actual do século, pôr altamente inconveniente e incommodo, offensivo da boa moral (...) pôr todos estes motivos e fundado no que dispõe o artigo 249; nº 18 do código administrativo, determino:

1º - Que desta data em diante ficam proibidos os batuques em toda a área desta cidade.

2º- Que as pessoas que forem encontradas em flagrante do disposto, serão presas ao poder judicial (...) nos termos do artigo 188, do Código pessoal»⁷.

Desta forma, podemos afirmar que o batuque tem resistido ao longo de vários séculos e tem sido um meio através do qual se vem transmitindo a nossa existência, a nossa identidade cultural.

A partir de 1974 (ano da liberdade), houve então o movimento de valorização de todas as formas de manifestações culturais nacional e, como não deixaria de ser, o batuque veio a renascer. Isto prova que a nossa população lutou sempre para preservar a essência da sua personalidade cultural. Foi nessa altura que o batuque passou a ser uma manifestação do palco, embora tenha perdido grande parte da sua função social.

Com a Independência, a população sentiu a mudança e começou a introduzir o tambor e homens a dançar no palco, coisa rara no passado. De realçar que toda essa liberdade foi graças ao Estado que teve a preocupação de criar e promover as condições para salvaguardar a identidade cultural. Por outro lado, de criar uma cultura nova, baseada nas nossas tradições, respeitando tudo quando se vêm demonstrando e conquistar um factor de consolidação da cultura nacional.

Deve-se, porém, referir que através das descrições feitas a esse propósito diz que “o badio fez batuque, de ritmo marcado pela «tchabéta» que é a parte principal (batimento das palmas e das mãos) acompanhado de cimbó, a isto acrescentou-lhe muitas vezes os ferrinhos e a gaita e foles. A interpretação do instrumento cimbó no batuque de Santiago, sublinha Baltasar Lopes da Silva:

⁷ Charles Samson Akibodé, historiador, INAC; in *Cultura, Revista Semestral*, Ano 2/Julho, 1998.

“ (...) O instrumento de batuque (cimbó) conhecido em Santiago, deve ser de origem sudanesa. Encontra-se, pelo menos, no Senegal no número 21, de Março de 1940 da revista francesa “Macth”, vem a fotografia de um soldado senegalês com um cimbó igual aos de Santiago”⁸. Outros elementos, como o “torno” que é uma dança tipicamente africana, vê-se o rebolar das nádegas, com o auxílio de um pano para contrair mais força, e os cânticos que por sua vez, segundo alguns testemunhos são “coisas” de letras improvisadas, uma vez que surgem momentaneamente, ou seja, de acordo com as conjunturas. Retrata, pois, a vida social ou pessoal, satirizando ou criticando os acontecimentos do dia-a-dia. Tudo isso vem provocando nos participantes e espectadores entusiasmo e euforia que acabam por esquecer todos os afazeres naquele momento.

A temática do batuque varia-se dependendo das circunstâncias conjunturais, pois note-se que está ligada às regras morais do comportamento, entre outras.

O batuque era característico nas festas de baptismo e de casamento que, de véspera, como é tradicional, à noite era sempre animada por esse género musical.

Actualmente, a nova geração vem estilizar um pouco o batuque, introduzindo instrumentos convencionais, tais como a guitarra de seis cordas, tambores, entre outras modificações que poderão pôr em causa a sua genuidade. Pois, é neste e noutro aspecto que afirmámos que o batuque está perante uma fase de evolução e, como é óbvio, as manifestações culturais vivem na sociedade e esta por sua vez acompanha-as na sua evolução.

A nosso ver, ao contrário dos que dizem que este género musical está em via de extinção, pelo que pudemos constatar no terreno, há já um renascimento do batuque muito forte na ilha de Santiago, tanto no interior como no centro urbano. Porém, é necessário que se crie condições aos interessados por essa área, quer na pesquisa, quer na sua divulgação para poderem quanto mais sentirem motivados e lutar para preservação das nossas culturas.

2.2. Nha Nácia Gomi / Finaçons

⁸ Baltasar Lopes, *Claridade, Revista de Arte e Letras*, Org., Coordenação., e direcção de M. Ferreira, 2ª Edição, 1986, P. 44.

Chama-se Inácia Maria Gomes Cardoso, mais conhecida por Nácia Gomi, nome artístico. É natural da freguesia de São Miguel de Arcângelo, Concelho do Tarrafal, nasceu a 18 de Junho de 1925.

Por volta do ano 1962 passou a residência para Ribeira Seca, freguesia de Santiago Maior, Concelho de Santa Cruz, ao lado do marido Paulino Correia Oliveira. Actualmente, reside nos arredores da Vila de Pedra Badejo, na localidade de Achada Campo Trás, numa moradia confortável que foi financiada pelo TACV – CABO VERDE AIRLINES, por uma justa homenagem que esta companhia quis render a esta humilde camponesa, com o apoio da Câmara Municipal local que ofereceu o terreno para a construção da dita moradia.

Da longa conversa tida com a entrevistada (Nácia Gomi), confessou-nos que entrou nos terreiros de batuque “na flor de idade”, ainda rapariguinha com 17 anos de idade, aproximadamente, num casamento na localidade Mato Dento. A respeito desta afirmação encontramos-a também no trabalho de Tomé Varela da Silva:

“ (...) *Sigundu Ña Nácia Gomi, purmeru bes k’el kanta na tereru, foi na kasamentu na Féria Dentem i el tenba dizaséti anu di idadi*”⁹. Adiantou ainda que no terreiro se encontrava uma cantadeira de fama, e que entrou no terreiro não para desafiá-la, tendo em conta que era estreante, embora esteja confiante consigo própria. No entanto, foi desafiada pela cantadeira ao entrar no terreiro. Após ao término do seu primeiro “finaçon”, ouviu tantos aplausos, gritos e assobios por toda a redondeza e ainda ganhou mais confiança, certificando-se que realmente estava pôr a sua capacidade em acção.

Sentenciou ainda que já na segunda “ronda” nem deu por sinal a famosa cantadeira que a desafiava, pois aquela sumiu-se que nem o vento.

Segundo Nácia Gomi, a partir daí foi ganhando fama como cantadeira de finaçon, cantigas inspiradas, por obra do Nosso Senhor Deus. Pois, nota-se em Náci Gomi, uma sabedoria reveladora de toda uma visão do ponto de vista da tradição oral, da religião, das suas vivências e das mensagens de alto nível de valor cultural e pedagógico que exprimem o sentimento dos santiaguenses.

Sabe-se, no entanto, que Nácia Gomi é uma das personagens mais importantes que Cabo Verde conheceu no campo de finaçon, principalmente na ilha de Santiago que, pelas suas

⁹ Tomé Varela da Silva, *Finasons di Ña Nácia Gomi, Kuleson, Tradisons Oral di Kauberdi*, idison di Institutu Kauberdiu di Livru, Praia, 1985, P. 21.

vivências de camponesas, como ela, é um símbolo de resistência. Pois, sabemos que também o valor do seu saber e experiência prática, enraizadas na memória como heranças tradicionais são contributos valiosos para que possam definir a identidade cultural/nacional. Igualmente fundamentais, e de valor inegável, são os ensinamentos e a sua história que a população santiaguense, em especial a de Santa Cruz e a nova geração põem ao serviço da cultura cabo-verdiana.

Apesar da fama que é espalhada por todo Cabo Verde e não só, com várias actuações nos concertos urbanos e outros lugares, Nácia Gomi representou Cabo Verde em vários eventos internacionais, como a Expo 92, em Sevilha, e a Expo 98, em Lisboa, para além do célebre Festival Smithsonian, nos EUA, em 1995.

Como finadeira de renome, continua com o seu modo de viver campestre, com a simplicidade que desde sempre a caracteriza. E, além disso, apesar dos seus 81 anos de idade, sente-se ainda aliviada e sempre disposta quando convidada para animar palco ou terreiro com a sua dote inconfundível e respeitada no mundo de finaçon.

Em Cabo Verde, sem nenhuma sombra de dúvida, de todas as finadeiras, destaca-se Nácia Gomi, pela liderança natural que dela emana, pela sua sensibilidade de sua voz mansa e melodiosa, apresenta uma criatividade associada ao prazer de apoiar e ensinar todo aquele que deseja dar continuidade a preservar este género musical (finaçon).

No entanto, pela contribuição que Nácia Gomi deu e continuando a dar de forma informal, a valorização e a divulgação do finaçon, o país fica mais rico em termos da identidade cultural. Entendemos, pois nesta perspectiva, que a cultura ocupa um lugar de primeiro plano na transformação histórica de qualquer país.

Na verdade, a cultura não é um privilégio de nenhum sector na sociedade. Pois, não temos quaisquer dúvidas, se assim entendermos que Nácia Gomi deve ser comparada a nossa Cesária Évora, embora numa modalidade de género diferente.

Contudo, para transformar em realidade a democratização da cultura, seja qual for o meio, é necessário congregações de esforços, dos recursos e das condições materiais para que os artistas e/ou cultores tenham pleno acesso à cultura da comunidade e nela participem com a sua capacidade criadora.

Segundo Nácia Gomi, actualmente as coisas mudam, uma vez que as pessoas são procuradas lá no seu “funco” para conversas a respeito disso ou daquilo, em fim, até apoiar nas suas actividades. No caso dela, se fosse dada oportunidade quando era jovem, decerto o seu mundo de hoje seria outro. Mesmo assim, teve sorte na sua velhice, pois nunca esperava e nem imaginava que a sua voz fosse ouvida por todo lado, gravado nos CD’s, em fim, muita coisa aconteceu. Espera, pois, que os jovens de “agora” tenham mais sucessos na vida.

2.3. Finaçon

Segundo Tomé Varela da Silva, finaçon é uma das variedades musicais de Cabo Verde e, como sempre vem acompanhada de letra de cantadeira através de um ritmo de “tchabéta”, com o batuque, marcada com mestria por parte do companheiro no terreiro ¹⁰.

O finaçon, ao contrário de sambuna, vem no fim, acompanhado de dança, “tchabéta”, de forma lenta, a fim de acompanhar a cantiga, ou seja, porque em primeiro lugar se deve ouvir com toda a clareza as letras de cantadeira ou cantadador.

Em relação a sambuna, que é mais conhecida actualmente por batuque, o mesmo autor diz que é do ponto de vista socio-musical, constituída por três partes que formam o terreiro: cantadeira que faz o solo, cantadeira que faz o coro (responde solista com um refrão) e dá a “tchabéta” e por último, dançarina de torno.

Como se pode depreender, o finaçon apresenta as seguintes características:

- Marcada pela música mais melódica;
- Letra, regra geral não tem coro;
- “Tchabéta” é marcada pelo bater de palmas.

A este respeito, sublinha Baltasar Lopes:

“ (...) A tchabéta consiste em marcar o ritmo batendo nas coxas as palmas das duas mãos. Há três ritmos mais importantes da tchabéta: - pã-pã, galeom e rapicado ”¹¹.

¹⁰ Tomé Varela da Silva, *Nácia Gomi a fina-flor do finaçon*, Revista de Arte e Cultura. Trimestral, Out/Dez. 1969, P. 20.

Além disso, é cantado pelas “finadeiras” e ou “finadores”, ou seja, pelas cantadeiras e cantadores.

No entanto, é costume chamar a esses homens e mulheres “grandes”, que retêm sabedoria e conhecimento de passado, os quais transmitem através da palavra e do gosto, quase sempre com acompanhamento musical ou rítmico, de “sábios analfabetos”.

Na verdade, podemos considerar finaçon, enquanto letra, uma verdadeira literatura oral, poeticamente organizada, onde aparece encadeado além de perceber emissões e opiniões, bem como um conjunto de observações de usos e costumes, reflexões e criações, a partir da nossa liberdade socio-cultural.

Ńa Nácia Gomi, como “finadeira”, utiliza uma linguagem muito simples mas rico em vocabulário, analfabeta, camponesa e com imagem e comparações simples, mas originais no ritmo lento e bem compassado, pois consegue prender atenções das pessoas pela sua simplicidade e pela forma como consegue transmitir as suas mensagens através do finaçon. Com base nestas palavras, não temos dúvida em atribuir-lhe o nome “rainha das finadeiras e do batuque”. Pois, é sem dúvida uma figura incontornável da música tradicional de Cabo verde. Pois, torna-se injusta não falar desta figura simples mas de transcendententes significado e valor que, com a sua simplicidade da mulher rural cabo-verdiana fez batuque e finaçon entrarem nos palácios dos quatros cantos do mundo.

No finaçon I, p.42, Ńa Nácia Gomi cantou num dos seus versos que: *sima dja no kre sta, nu ka pode sta, /mas tanbe sima nu sta, nu ka pode fika*. Estes versos de transcendententes ensinamentos populares mostram-nos a dinâmica do mundo e da vida mas sobretudo a vontade de vencer na vida. É esta vontade de vencer que levou a nossa simples camponesa a chegar ao ponto onde está. Um outro ensinamento importantíssimo que não podemos esquecer que Ńa Nácia Gomi nos legou é: “*e dentru de algen ki e algen, finaçon*”, I.”. Pois, com isso tirámos as seguintes ilações: que o ser humano não se mede pelos palmos e muito menos pelas aparências exteriores ou as suas origens sócio-geográfico.

Na verdade, com o finaçon de Ńa Nácia Gomi qualquer cabo-verdiano, sobretudo santiaguense, pode viajar pelo mundo em busca da sua memorização por um lado, por outro lado, porque refere-se, traz e narra “memórias” que remetem a um passado. Esta vivência é transfigurada e reescrita nas várias obras e acabam por entrar no universo narrativo. Por outro lado, consideramos

¹¹ Baltasar Lopes da Silva, *Claridade, Revista de Arte e Letras*, Org., Coord. e Direcção de M. Ferreira, 2ª Edição, 1980, P. 44.

ainda o finaçon de Ña Nácia Gomi memorialista, porque muitas vezes a “finadeira” inicia-se na primeira pessoa “ami”, (eu), por exemplo no finaçon I: *Ami, Nasia Gomi/ ami k’ebaka Polinu Oliveira... p.33; Ami Nasia Gomi/Kantu N staba na mosindadi... p.34*. Também se verifica a presença da primeira pessoa no finaçon II: *Ami Nasia / ami N’sta bibu.../* ou seja, narra acontecimento e/ou história que implica o ouvinte na narrativa, ou melhor dizendo, chama o ouvinte (público) a tomar parte como observador na acção-chamamento directo, que pode ser através do diálogo entre a “finadeira” e o público. Trata-se de uma técnica que utiliza para agarrar o público presente, pois cria situações que acabam por manter preso aquele que está escutando.

Nesta perspectiva, podemos considerar Ña Nácia Gomi uma poetiza ou uma escritora que soube observar a realidade da vida quotidiana que a envolve e soube demonstrar os seus ensinamentos, divulgando-os a todos os artistas que souberam aproveitar e dar continuidade a sua acção.

Ña Nácia Gomi como fulcro de toda narrativa “finadeira” para além de cativar os ouvintes que estejam à sua volta, consegue evidenciar pormenorizadamente toda a realidade social, económica e socio-cultural do seu mundo envolvente, no mundo em que nasceu e cresceu.

Não há dúvida que pela sua qualidade de transmitir os pensamentos cabo-verdianos, em particular os santiaguenses em toda a sua dimensão, acrescentaríamos que de facto ela possui o poder de conduzir a cultura cabo-verdiana no seu máximo extremo.

2.4. Funaná

O funaná desde sempre um dos géneros mais vigiado pelos sistemas políticos ditatoriais, era, em princípio, o campo que mais iria beneficiar com a Revolução de 25 de Abril que abolia a Censura e parecia restaurar a ordem democrática em Cabo Verde, então Província Portuguesa. Há quem reconheça, no entanto, que, em “matéria de novas criações, se aquém do que era lícito prever (e esperar) ”, por razões de vária ordem. Apesar de tudo, a temática história ou política veio, de forma notável, alargar a cultura cabo-verdiana, ainda que, muitas vezes, essa manifestação não se tenha representado. Assim, em Santa Cruz, cultores que já se tinham destacado anteriormente, como Antão Barreto, Crisenço Preta, Toti Lopi, entre outros, acrescentaram as suas obras com trabalhos

importantes. Por outro lado, novos cultores se revelaram, com considerável domínio do género, como Daniel di Pala ou Daniel Brasão, Gaudêncio, Santos Preta, Joãozinho, Juvenal e Sema Lopi, sendo este último, um dos mais conhecidos como exímio e tocador de funaná na ilha de Santiago e em particular em Santa Cruz.

Além disso, afirma-se que as suas músicas tradicionais estão viradas para o público de todas as idades. E, de uma certa forma, tem um papel pedagógico que a cultura pode ter.

No entanto, para Sema Lopi tocar funaná é sentir a alma do povo cabo-verdiano e em particular os santiaguenses, com a sua humildade, sinceridade e simplicidade.

Na verdade, a diversidade de manifestações, posta já em relevo nas décadas ou séculos anteriores, vai-se agora acentuar convertendo-se, nos casos mais interessantes, numa interpenetração de variadíssimas tendências.

Nestas décadas ou séculos, a cultura Cabo-verdiana ver-se-á enriquecida com obras verdadeiramente genuínas, únicas e fundamentais para a sua evolução produzidas tanto por cultores já conhecidos que, ligados desde o início à prática colonialista atingem agora um notável grau de individualização, como por cultores que, por estes anos, darão a conhecer os seus primeiros trabalhos onde ensaiam formas novas com excelentes resultados nos questionamentos dos géneros culturais.

Idólatra do funaná – Sema Lopi não se limita a notar a melodias tradicionais e/ou populares. Vai, pois, mais longe e mais alto. Percorre as aldeias, vilas e cidades por onde passa, é interpelado durante horas para consulta. As suas pesquisas resultam férteis. Vai anotando, mentalmente, tudo quanto encontra. É a forma prática de enriquecer o tesouro artístico concelhio e/ou nacional.

Como músico e autodidacta, Sema Lopi é hoje um dos representantes do funaná original com gaita e ferro (acordeão) em Santa Cruz. O seu primeiro contacto com o instrumento “gaita” foi em S. Tomé e Príncipe, quando era ainda muito jovem.

Tal como Nácia Gomi, foi um dos representantes da tradição musical de Santiago no festival da Smithsonian Institution, em Washington no ano 1995, e também na Expo 98, em Lisboa.

Questionado quanto ao futuro desta tradição musical – o funaná, sem hesitação, afirma que há pouco interesse por parte dos jovens, a não ser os herdeiros do senhor Antão Barreto em Achada Ponta que já fazem alguma coisa e alguns dos meus filhos conseguem “arranhar” também.

Segundo aquele músico e autodidacta, há ainda muito que fazer para que o funaná não se extinga ou perder o ritmo que outrora tinha. No entanto, reconhece também que há, de certa forma,

algumas mudanças concernentes à introdução de instrumentos electrónicos que dão mais tonalidade a música, sobretudo quando o público for maior, citando o exemplo nos festivais.

Adiantou ainda que houve mudanças no campo deste género, fez nos lembrar do revolucionário do funaná, conhecido por “Katchás”, que deu novo estilo ao funaná no seu conjunto Bulimundo que, com a sua determinação tirou-o do anonimato, urbanizando-o e mesmo o internacionalizou, se assim podemos dizer.

Foi precisamente nos finais do ano 70 que com o aparecimento do conjunto Bulimundo sob o comando de “Katchás” (Carlos Alberto Martins) retoma o princípio de retorno às “fontes”, ou seja, incide sobretudo no funaná estilizado, acabando por despertar o interesse de vários grupos especializados neste tipo de música.

Neste contexto, pode-se dizer que o funaná é uma das maiores conquistas no domínio da música cabo-verdiana da pós-independência de Cabo Verde.

Foi, porém, graças a Luta de Libertação e a Independência Nacional que criaram nas pessoas e, sobretudo, nos artistas um anseio de autenticidade pela busca das raízes.

Nota-se que em Santa Cruz há vários focos de cultura que consideramos tesouros da cultura cabo-verdiana. Neste sentido, preservar os tesouros da cultura tradicional é, além de tudo, divulgá-los na comunidade, é serviço de inegável valor prestado à preservação da identidade local e/ou nacional, já que é na cultura, mais do que em qualquer outra manifestação, que a alma de um povo se revela e se revê.

O funaná é certamente um dos meios privilegiados de expressão do sentir do povo, um dos campos em que melhor se revela a sua alma.

Trata-se, pois, de um género musical capaz de veicular o sentimento como sendo a melhor expressão de um povo, música interpeladora a ponto de cativar todos aqueles que estiverem por perto.

2.5. Tabanca

A tabanca como sendo uma expressão regional da cultura cabo-verdiana, encontra-se com maior representatividade na ilha de Santiago. Assim sendo, Santa Cruz, um dos concelhos da Ilha,

marca também a sua presença com esta manifestação cultural tão identificada e reconhecida nas várias localidades, como: Ponta Achada, Salina, Achada Fazenda, Achada Igreja e Porto Madeira.

Segundo alguns testemunhos, essas localidades animavam as festas no Concelho com muito brilho. Pois, realizavam-se sobretudo nas épocas festivas juninas, ou seja, durante o mês de Junho, em honra dos padroeiros – São João, São Pedro, Santo António, entre outros. Além disso, a tabanca era bem viva em todo o sentido da palavra, uma vez que encantava e divertia as pessoas, sobretudo as crianças que acompanhavam o grupo no desfile, muitas vezes sem a permissão dos pais. Também quando morria um elemento do grupo, ouvia-se o toque das cornetas, anunciando a morte. O funeral era acompanhado debaixo do ritual da tabanca comandado pelo “Rei” que, na ausência deste, é destacado o “Príncipe” ou a “Rainha”.

Salienta-se ainda que durante o festejo das tabancas se concentram dezenas de pessoas da localidade e mesmo outras das localidades vizinhas, tendo em conta que o som provocado pelos instrumentos (as cornetas, os tambores, as vozes num tom gritante, entre outros), chamam a atenção de todos aqueles que ficam por perto, não resistindo assim, acabando por entrar no desfile, acompanhando os outros elementos fixos da associação ou organização (rei, rainha, príncipe, corneteiros, soldados, filhas-do-anjo, falcão e oficiais).

De realçar que cada elemento do grupo tem a sua função específica, pois atribui as tarefas para cada participante, após o ensaio preparativo.

Contam os testemunhos que a população das aldeias de Santa Cruz, já não assistia a um desfile da tabanca desde 1947, ano que coincide com a “fome de 47” que, por esse motivo, se extinguiram os grupos. Isso vem demonstrando que as festividades dessa manifestação estavam relacionadas com a fartura, ou seja, anos de boas azáguas, onde tudo era abundante.

A esse respeito, sublinham José M. Semedo e Maria R. Turano.

“Todos os festejos da Tabanca são acompanhados pela confecção e consumo de uma comida ritual.

Três dias antes do festejo do Santo, começa o pilão, isto é, a operação de cochir o milho. Dois dias antes da festa, o milho cochido no dia anterior é posto de molho em água quente e pilado de modo a produzir o xerém (milho partido) e a farinha para o cuscus”¹².

¹²José M. Semedo e Maria R. Turano, Cabo Verde, *O Ciclo Ritual das Festividades da Tabanca*, Spleen Edições, Praia, 1997, P. 86.

Com essa afirmação, pode-se deduzir que o desaparecimento da Tabanca no Concelho de Santa Cruz se deve ao flagelo da seca que durante décadas assola o arquipélago e em particular a ilha de Santiago.

No entretanto, a tabanca no Concelho regressa cerca de meio século depois, ou seja, no ano de 1997, graças a realização de jornada de reflexão cultural, denominada “Porta Aberta”, promovida pela Associação Local de Desenvolvimento Comunitário (Abidjan), na localidade de Porto Madeira.

Contam os testemunhos, que o convívio foi integrado no âmbito da jornada de reflexão cultural “Porta Aberta” e que se trata de uma manifestação de cariz etno-cultural, onde a música e a dança conservam traços genuinamente africanos. Pois, participavam nesse encontro cerca de duas mil pessoas, oriundas de várias localidades do Concelho, destacando membros do governo de então, o senhor Secretário de Estado António Jorge Delgado, os artistas, os artesões, intelectuais do Concelho e não só, com o intuito de conjuntamente se “reflectir a cultura”. Foi, pois, nessa jornada de reflexão que incentivaram os amantes da tabanca de cada localidade já mencionada, a retomar as actividades da mesma, dando-a a vida que outrora era considerada uma das manifestações mais encantadoras, sobretudo pelos seus rituais.

Para muitos, os grupos que actualmente sobrevivem fora das localidades do Concelho, por exemplo, os de maior expressão estão localizados no arrabalde da cidade da Praia, mais precisamente nas localidades de Achada Grande e Várzea, facto que, na opinião de alguns estudiosos/investigadores da área de cultura, tem a ver com o processo de “migrações” das populações do campo.

De destacar ainda que, naquela jornada de reflexão, para aquele representante do governo, responsável pela área da cultura, trata-se de uma iniciativa que consta no programa do governo, mas que neste caso, ganhou destaque, exactamente pelo facto de o primeiro passo ter sido dado por um grupo privado, a “Associação Abidjan”. E que, no entanto, o governo tem defendido como filosofia uma gestão da cultura – a de apoiar as iniciativas espontâneas vindas da sociedade civil. Reconheceu também que neste contexto, pode afirmar que há uma manifestação cultural multifacetada, pois verifica-se a presença simultânea da tabanca, do batuque, do funaná e entre outros.

A nosso ver, é momento de preocupação, porque pelos contactos havidos com os representantes de alguns dos grupos sedeados no Concelho, afirmam que praticamente nada está sendo feito para que realmente se reactivasse as actividades da tabanca. Há promessas, mas quando

chega o momento exacto nada é visto. Por esta razão, até ainda não há nenhum grupo que funciona em condições, embora haja alguns sinais de vitalidade.

Por isso, alertamos a quem de direito que preserve essa manifestação cultural, já em risco de extinção, que tenha sido motivo de preocupação e interesse de todos quantos amam a cultura e, em particular, as forças locais e as autoridades nacionais que prevêem o desencadear de acções concretas a curto prazo, como forma de se reestruturar esse sector da cultura que tanta falta faz aos jovens que pouco sabem dessa manifestação cultural.

2.6. Outras manifestações consideradas extintas

- Os rituais da morte;
- A “reça” dos (rebelados) e outros rituais

Testemunhos santa-cruzenses confirmam que havia muitos rituais antigamente que hoje já não se praticam. Falam-se por exemplo dos rituais da morte, da “reça”, sobretudo praticada pelos Rebelados, entre outros.

2.6.1. Rituais da morte

Conta-se que os rituais da morte em Santa Cruz e mesmo na ilha de Santiago, diferenciam-se conforme as convicções religiosas. De acordo com essas diferenças assim os seus adeptos professam os rituais da morte. De todo modo, tudo era feito de forma diferente que actualmente. Sentenciou um testemunho que para o cortejo fúnebre, o cadáver era embrulhado num lençol e colocado em “squife” ou jangada, como o meio de o transportar. A jangada era feita de duas madeiras, correspondentes as “cancarans” ou esteiras. Coloca-se o cadáver em cima da mesa (corpo na mesa) ou uma mesa grande (mesona) apropriada para tal serviço. Ao partir para o funeral, a jangada ou “squife” é ameaçado em baloiço, por três vezes à frente da porta, e segue-se o cortejo fúnebre, acompanhado de “rezas” em forma de cânticos. Antes do aparecimento da jangada, o cadáver era levado na própria mesa. Adiantou ainda que antes da partida para última morada, se

providencia uma pessoa, geralmente o afilhado mais novo, neto, sobrinho ou uma pessoa amiga, sempre do sexo masculino, que vai à frente do cadáver, não podendo virar a cara para trás, usando um lenço branco tocado na cabeça, levando o “Santo Cristo”. Quando o cortejo fúnebre passava à frente de uma localidade, toda a criança era guardada dentro de casa para não o presenciar. No entanto, se o cadáver for do sexo masculino, ou seja, o marido, a viúva raspava os cabelos da cabeça, vestia-se uma saia comprida varrendo os pés e acompanhava o marido (o cadáver), mas ia sempre à frente da jangada. Se o morto for a mulher, o viúvo acompanhava o corpo, mas sempre a trás do “squife” ou da jangada. Chegando ao cemitério, o corpo é retirado do “squife” ou jangada para se realizar o enterro. Ao sair do cemitério ninguém deve chorar e nem voltar a cara para trás. Dirige-se para a casa do morto para efectuar a visita e comer. Um prato de comida com apenas um colher para duas pessoas e nunca punha a mesa, pois comia-se de pé ou sentado num tronco de árvore ou em qualquer lugar. Ao regressar de uma visita, os visitantes não podem entrar em casa própria nem dos vizinhos com qualquer material, tais como: o pano, o casaco, a bengala, “saco de ajuda” e nem deve visitar um doente nesse dia.

2.6.2. A reça (rabelados)

Pela noção que os “Rabelados” têm do mundo e da vida, pela concepção da providência divina, facilmente se compreende que não se prestem a “Nhamo” (Deus) uma “reça” ou véspera sistemática e organizada.

Mas os “Rabelados” ora também em casos de morte de qualquer membro da família da aldeia, recorre-se à “reça” ou véspera, como forma de sufragar a alma do defunto. Nesta ocasião, não se mostram poderosos, mas sim elevam as suas mentes para junto do “Nhamo” e demanda-Lhe os seus favores através da “reça”.

Ao contrário da ladainha, a “reça” não se prolonga até amanhecer, pois começa-se por volta das 7.30 horas da noite e termina-se ali por volta das 11.30 horas ou às 12.00 horas.

Contam os testemunhos que os preparativos do altar ficam a cargos dos vizinhos que levam lençóis brancos, lenços, velas, esteiras, entre outros, visto que os familiares do morto não podem durante a esteira exercer qualquer tipo de actividade. Além disso, segundo reza a tradição, “e ka

bon” que os membros da família do morto exerçam actividades, pois ficam livres para receberem as visitas.

2.6.3. Outros rituais dos “Rabelados”

Na freguesia de Santiago Maior – Santa Cruz, bem como outros pontos da Ilha de Santiago, são notórios a presença de “Rabelados”. Conforme indica o próprio nome, a palavra “Rabelados” significa incréntes, revoltosos ou ainda rebeldes.

Segundo testemunho, Pedro Gomes dos Santos, a presença dos “Rabelados” em Santa Cruz, teve lugar a partir dos anos de 1960 / a 1961, nas seguintes localidades: Ribeirão Gil (Ribeira do Picos), Achada Bel-Bel, Carriçal (Santa Cruz) e em Monte Bia Curta. Adiantou ainda, que tal presença foi devido ao aparecimento do paludismo que se registava em Santa Cruz, pois a maioria da população se encontrava infectada, tendo em conta os grandes focos de mosquitos registados em Lagoazinha, Lagoa Grande e em Lagoa do Coqueiro. Por esta razão, as pessoas escolheram essas localidades afastadas das lagoas, com o fito de evitarem que apanhem doenças.

No entanto, com essa grande preocupação segundo o testemunho, a mando do Dr. Santa Rita Vieira, chegou ao Concelho uma Equipa de Brigadas Sanitárias (EBS) com o objectivo de erradicar a maldita doença, (malária) pulverizando todas as casas com DDT, bem como também se encarregava de tirar sangue para análise laboratorial.

Houve no entanto, a resistência de algumas pessoas, as chamadas de “Rabelados” que não admitem que as suas casas sejam invadidas com a tal prática – a de pulverização. Dessa resistência, houve então a intervenção das autoridades locais, no sentido de pôr cobro à situação, obrigando-os a aceitarem e, dessa forma, como não tinham outras alternativas, os “Rabelados” abandonaram as suas próprias casas e refugiaram-se para outras localidades, construindo funcos, barracas e outros até passaram a viver nas lapas das rochas.

Os rituais da ilha de Santiago diferenciam-se conforme as convicções religiosas. De acordo com essas diferenças, assim os seus adeptos professam os rituais da morte, do nascimento, do casamento, entre outros.

Segundo Júlio Monteiro Júnior, durante largos anos, o povo realizava actos religiosos com apoio dos seus sacerdotes, isto é, chamados “padres de batina preta” a quem os “Rabelados” devem fidelidade.

Quando os padres de congregação do Espírito Santo chegaram ao país, implantaram a nova doutrina, o que veio a contrariar os outros rituais praticados pelos antigos. Esses actos eram os mesmos e todos praticavam na ilha, com diferença de que os “Rabelados”, fazem segundo a tradição e, portanto, em desacordo com os novos preceitos estabelecidos pelos actuais sacerdotes. Para os sacerdotes, essas práticas eram essenciais e sem ela não se concebia a religião. As práticas religiosas mais seguidas pelos “Rabelados” por benefícios recebidos são: a ladainha dos mortos, as rezas, as vésperas, as novenas e “staçons” (estações), por motivos fúnebres.

Mais tarde, com a nova doutrina, essas práticas foram disciplinadas e até banidas pelos missionários, por serem opostos à disciplina da religião católica.

Adiantou ainda o mesmo autor, que não se apurou a prática de qualquer rito religioso específico por parte dos “Rabelados”, pois todas as suas práticas religiosas estão dentro da Ortodoxia religiosa, pois assim pensam, embora em desacordo com as instruções e normas emitidas pelos actuais sacerdotes.

No entanto, as práticas foram assumidas por todos os chamados increntes, e acontece os mesmos com os “Rabelados” residentes em Santa Cruz,

Assim, como por exemplo no ritual da morte, os “Rabelados” fazem novena das “almas do purgatório”. De uma forma geral, as acções para a advertência estão divididas em duas partes:

- O “ofício de agonia” e “suspiro de última hora”. Após o último suspiro, os “Rabelados” fazem a novena das “almas do purgatório” sem que nesse momento se chore ou faça qualquer actividade. Depois abre-se a boca do morto coloca-se um bocadinho de sal e aperta-se o rosto com lenço branco, após se lhe ter apagado os olhos.

Geralmente, os cadáveres são colocados em cima de esteira ou “cancaram” para receberem o tratamento. Aí são lavados com água morna e sal. Tira-se-lhe toda a água que tem por dentro e todos os orifícios que contém são tapados com tiras de pano e tradicionalmente algodão, com pau de “barnelo” trabalhado.

Depois de tratados os cadáveres são “mortedjados” que, seguramente são colocadas “nessa” (mesona). Segundo os “Rabelados”, o acto de colocar o corpo “nessa” significa um acto sagrado que a cama não serve para tal porque é suja.

Além disso, no cortejo fúnebre os “Rabelados” mantêm a tradição do uso de “squife” ou jangada, argumentando que Cristo foi sepultado de uma forma simples. Pois, os cadáveres são simplesmente enrolados em lençóis brancos, sem nada de que diga vestir. Os cadáveres são levados para o cemitério. Chegado ali o corpo é retirado do “squife” para se realizar o enterro, embora os “Rabelados” nunca gostem de o fazer, pois fazem-no ali porque estão submetidos às leis.

3. As festas religiosas (catolicismo)

Se tomarmos uma das definições do conceito da religião a *posterior*, podemos dizer que ela é um conjunto de crenças, obrigações práticas das quais o homem reconhece o mundo sobrenatural, cumpre os seus preceitos e pede os seus favores.

Na verdade, a religião faz parte de uma cultura ideológica universal. Embora as ideologias variem conforme as igrejas.

De realçar que o povoamento da Ilha de Santiago obteve, desde o começo, concessões régias importantes. Uma delas data de 31 de Janeiro de 1533, pela Bula *Pro excellenti*, Clemente VII criou a diocese de Santiago, com sede na Paroquial de Ribeira Grande ¹³.

Segundo reza os documentos acerca do povoamento da Ilha de Santiago, esta teria sido iniciado logo após a chegada dos primeiros navegadores portugueses, entre 1461 e 1462, pelos donatários António da Noli e Diogo Gomes, a quem teriam sido entregues as capitanias do Norte com sede no Alcatraz e a do Sul, com sede em Ribeira Grande ¹⁴.

Pode, pois, afirmar que arquipélago de Cabo Verde como exemplo – colónia portuguesa assinalou desde cedo, na sua maioria religião católica imposta pela própria divisão administrativa dos concelhos e freguesias.

Deste modo, cada freguesia tomou um nome de santo que passou a ser o padroeiro, ou seja, dia da festa litúrgica. Quando chega o dia do santo de cada freguesia há sempre festas. No entanto, são várias manifestações que congregam diferentes actividades culturais expressa através do sentimento, da maneira de sentir ou e exprimir ideias e sensações, acabando por haver uma mistura de festas religiosas e festas pagãs (profanas).

Com efeito, essas misturas rituais, práticas e crendices foram resultados do contacto cultural (africano e europeu), tendo em conta a miscigenação que aflui deste modo, para um sincretismo religioso que acabou por encontrar espaço para se manifestar lado a lado nas tradicionais romarias, dias dos santos das freguesias e festas de santos populares.

¹³ António Carreira, Cabo Verde, *Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata*, (1460 – 1878), 2ª Edição, PP. 27 – 28.

¹⁴ Eduardo dos Santos, *Missionologia do Ultramar Português I, Lições para os Cursos de Estudos Ultramarinos*, Lisboa, 1965, P. 70.

Deve-se, porém, afirmar que as festas de romarias são dias de alegria na vida da população santa-cruzense. Esquecem-se os problemas do dia-a-dia, e vive no encantamento da diversão: da música, da dança, do estrear dos foguetes, dos “comes e bebes”.

Assim, ao longo do ano e nos diversos pontos da Freguesia de Santiago Maior, em honra do Santo Patrono, são manifestos os festejos de romarias e aí aglomeram pessoas de diversas localidades para encontros familiares, de amigos e conhecidos para conviver e estabelecer contactos.

Assim sendo, para a Freguesia de Santiago Maior, de acordo com os documentos e segundo a secretária do Conselho Paroquial, a mesma iniciou-se com a vinda dos Missionários do Espírito Santo em Cabo Verde. Do historial, ficámos a saber que os primeiros missionários Espiritanos chegam a São Nicolau, a 30 de Novembro de 1941, juntamente com o Bispo Espiritano D. Faustino dos Santos. No dia 15 de Dezembro do mesmo ano, chegam a Ilha de Santiago os Padres Lúcio e Quintas e fixam residência em São Domingos e São Salvador do Mundo (Picos), estendendo daí a sua acção pastoral a outras paróquias da Ilha.

Sentenciou ainda que o Distrito Espiritano de Cabo Verde foi criado a 14 de Setembro de 1946 e que presentemente, trabalham em Cabo Verde 17 missionários Espiritanos nas ilhas de Santiago e Maio e são os seguintes membros cabo-verdianos: D. Paulino Évora, Padre Cardoso, P. Teodoro, P. João Baptista, P. Manuel Alves, Saturnino, 3 (três) jovens professores, entre outros missionários.

Quanto à Freguesia de Santiago Maior, os missionários do Espírito Santo iniciaram a sua acção pastoral no começo do ano de 1943. Deste ano, ou seja, de 1943 até 1952 vinham de Freguesia de São Lourenço dos Órgãos: Padres F. Duff, Manuel Ferreira, F. Bussard, António Every, P. Figueira e P. Luís Allaz.

De 1953 até 1977 vinham da Freguesia de São Miguel Arcângelo, Padres: Crettaz, Luís Mudry, Joaquim Barata e Gil Lousa Affonso.

Segundo reza os documentos, só a partir de 1 (um) de Janeiro de 1977 é que a Paróquia de Santiago Maior passa a ter Pároco residente. A partir desta data até esta altura (ano 2006) trabalharam e/ou trabalham ainda os seguintes Padres: Gil Lousa Affonso, P. Barbosa, P. António Buttelho e Padre Gouveia.

Segundo alguns testemunhos, Nho Santiago Maior foi um Apóstolo e Padroeiro de Freguesia. No entanto, antes da construção de paróquia na Vila de Pedra Badejo, Nho Santiago encontrava-se na localidade de Achada Igreja. Para o senhor Pedro dos Santos, a Igreja da Freguesia de Santiago localizava-se num planalto, ou seja, numa achada denominada Achada Silvestre (Tchadona). Segundo ele, não há dados concretos, nem documentos conhecidos que permitam situar no tempo a sua construção e mesmo a denominação de “Tchadona” com esta toponímia, no entanto, existem ainda vestígios da sua existência. Pois, ainda se encontram algumas pedras de pilar ou cunhal, entre outros materiais que foram encontrados na área circundante. Sublinhou ainda que é nesta “Achada” que se celebrava a missa e depois levava o santo (Santiago) para a Achada Igreja, a fim de o proteger e, por outro lado, havia ali um aglomerado de famílias, isto devido a sua localização geográfica, pois dista uns metros da praia de areia negra. Conta-se que com o decorrer do tempo, o Governo Ultramarino, por ordem de Salazar, este mandou construir a igreja nessa localidade e aí permaneceu o Santo Nho Santiago por várias décadas.

Mais tarde, com o surgimento de um aglomerado populacional muito maior do que em Achada Igreja, hoje Vila de Pedra Badejo, sentia-se a necessidade de construir a Paróquia da Freguesia. Segundo outros, há um mito que conta de que o santo Santiago se encontrava sempre em Achada Igreja. Quando foi levado para nova Igreja, actual Vila, o estranho é que nunca o Santo amanhecia ali, pois aparecia sempre na antiga Igreja, em Achada Igreja, e que só deixou para sempre o local, devido às traquinices dos meninos que ali vinham para brincar e também mesmo a presença de pessoas adultas que vêm tirando pedras e mármore para a construção das suas moradias.

3.1. Festa de Nhô Santiago (25 de Julho) e o seu dia

A festa de Nhô Santiago é uma das mais concorridas manifestações culturais do Concelho de Santa Cruz, que coincide com o dia do Município (25 de Julho). Trata-se, pois de uma festa profana-religiosa de cariz popular.

25 de Julho é o dia de Nhô Santiago. Centenas de pessoas acorrerem aos espaços mais nobres da Vila de Pedra Badejo para festejar o Nhô Santiago. A procissão é encabeçada pelo Santo

Patrono da Freguesia, e em passos solenes e cadenciados os fiéis percorrerem as principais artérias da Vila, proferindo ao mesmo tempo as preces.

Segundo alguns testemunhos, o ponto auge da festa de Nhô Santiago culmina com a celebração eucarística presidida pelo Rev. D. Paulino Évora, Bispo de Santiago, coadjuvado pelo pároco de Freguesia, na companhia de muitos padres oriundos de outras freguesias, convidados especiais que testemunham a celebração e dão mais brilho à festa. Pois, através de cantares de grupos, de dança no Salão Paroquial e da celebração da missa, transformaram este evento num dia inesquecível a todos os fiéis presentes.

É nesta perspectiva que podemos afirmar que a igreja católica tem tido um papel relevante na preservação das festas, fazendo com que até presente data muitas dessas manifestações sejam comemoradas e, até certo ponto, não perdessem as suas características. Prova disso, é o dia 25 de Julho que se comemora todos os anos com grande pomposidade, dando continuidade de que a população santa-cruzense se orgulha em preservar as tradições herdadas das gerações mais remotas.

No entanto, após o término da celebração da missa solene, chega-se o momento festivo de “comes e bebes”. São várias as pessoas oriundas de vários pontos da Ilha que vêm ao reencontro de familiares, amigos e conhecidos para cumprimentos. Aí deparam com os cheiros e sabores que emanam das iguarias e são convidados a deliciar de todos quantos procuram a autenticidade das receitas e a originalidade do gosto para esse dia.

Caminhando para o fim do dia da festa, registam-se ainda outros momentos inesquecíveis, tradicionais corridas de cavalos em honra dos cavaleiros, realizada actualmente numa pista preparada para o efeito, na localidade de “Radonda” que dá acesso ao “Porto Fundo”, reunindo centenas de pessoas perante os convidados especiais por parte do Presidente da Câmara Municipal. Essas competições realizavam-se em Achada Campo, actualmente uma zona urbanística, repleta de construções humanitárias e serviços públicos, como por exemplo, a Escola Secundária, o Registo Civil, o BCA e o Hospital.

De realçar que o último momento da festa é o baile, por tradição, os jovens deslocam-se ao “Polivalente”, para a diversão ao som dos conjuntos ao “vivo”.

Nesses últimos anos, verifica-se fraca adesão dos jovens ao “Polivalente”, devido ao surgimento dos “boites” no arrabalde e no centro da Vila.

Por esta ocasião, todos os anos são desenvolvidas várias actividades, pois a Vila tem sido um palco de muita movimentação cultural, com destaque para a realização dos tradicionais concursos e festivais musicais, sendo os mais conhecidos os “Todo o Mundo Canta” e o “Festival de Praia Areia Grande”, como sendo o maior evento cultural do Concelho, inserido no programa de animação das festas pelas comemorações do dia do Município e de Nhô Santiago, 25 de Julho.

Actualmente, as festas tradicionais que mais mobilizam e engrandecem a energia e os corações dos santa-cruzenses são as que se celebram na época dos seus santos padroeiros. Destacam-se:

- 1º de Maio, na localidade de Renque Purga, tendo como Santo Padroeiro S. José Operário que também é pai adoptivo de Jesus, ou seja, foi ele quem o criou e casou-se com Nossa Senhora;

- 3 de Maio, na localidade de Santa Cruz, dedicada a “Bela Cruz”;

- 29 de Junho, comemorando na localidade de Cancelo, cujo Santo Padroeiro é S. Pedro que também é comandante de uma barca;

- 25 de Julho, que se comemora em toda a Freguesia do Concelho, o Santo Padroeiro – Nhô Santiago Maior.

- 1 de Outubro, em Ribeirão-Boi – Santa Padroeira, Santa Teresinha.

Na verdade, nos dias desses santos padroeiros, as localidades regurgitam de pessoas que vêm participar nas cerimónias litúrgicas, nas procissões e também nas romarias.

Com efeito, são de destacar ainda em Santa Cruz, festas que segundo testemunhos, são consideradas puramente profanas e pagãs, como a de 3 de Maio, Bela Cruz, na localidade de Santa Cruz e a festa de Cinza, que é um dia depois de Carnaval.

Segundo os testemunhos, a festa de Bela Cruz era muito festejada e até chegou a construir uma capela na localidade onde celebrava a missa eucarística nesse dia. No entanto, de alguns anos para cá, o Pároco da Freguesia deixou de celebrar a missa solene naquele dia e naquela localidade, por desconhecer o Santo com o nome de Bela Cruz. Contudo, a população e os crentes não deixaram de festejar e comemorar o dia. Pois, foi e continua ainda uma prática corrente em que todos os anos, muitos cristãos se dirigem à essa localidade como forma de pagar promessa à “Santa Bela Cruz”, levando velas e acendem-nas durante a noite e todo o dia, mesmo sem presença do Pároco.

Contam-se que os tempos passados, quer de vésperas quer de dia, a comida era feita para toda gente. Colocavam-se ao ar livre, nas estradas ou noutros sítios, bidões/caldeirões grandes com carne de porco, xerém, mandioca com carne de bode e outros pratos típicos para o dia, com o propósito de alimentar todos os forasteiros. A bebida, o grogue, era colocado no barril a gosto do freguês. As pessoas divertiam-se ao som de gaita e ferro, baile de cimboa do famoso tocador, o senhor João Nunes.

Actualmente, “Bela Cruz” é festejada ao sabor da juventude, não como antigamente, sentenciou um dos testemunhos. Pois, a festa é só para amigos, familiares e alguns convidados. Já no campo da diversão, ainda se mantém alguma tradição, como é tradicional o baptismo de crianças e jovens na Cruz, celebrada por pessoas mais velhas escolhidas para desempenhar o papel de Padre.

Relativamente à festa de “Cinza” que também é considerada profana, é festejada em todo o Concelho, com maior expressividade nas localidades de Achada Laje e Chã da Silva.

Para aprofundar o nosso estudo, sentimo-nos na obrigação de caracterizá-las, mesmo de forma superficial.

3.1.1. Achada Laje

Achada Laje fica localizada a norte da sede da Vila de Santa Cruz, num planalto, numa altitude aproximadamente de 200m, partindo do nível médio das águas do mar. É uma zona litoral e reflorestada, com o clima árido e pequena área agrícola, outrora abundante de produto, quando há abundância de chuva.

Actualmente, o dia de Cinza nesta localidade recebe mais visitantes do que a zona de Chã da Silva, devido a sua localização geográfica. Pois, a festa terá o seu maior brilho à tarde, após o famoso almoço, com pratos essencialmente tradicionais agrícola. Tendo em conta que a ruralidade ainda anda de mãos dadas com o pouco que possui, couve, repolho, batata, coco, mandioca, peixe seco, feijão, “troquida” com ovo, entre outros, acompanhado de vinho ou um bom grogue. Esta abundância no interior do Concelho, poderemos afirmar que a gastronomia é “vasta” e variada permitindo enlevar o paladar e dilatar o apetite.

Nesse dia, todos os habitantes e outros romeiros vindos de vários locais do Concelho deslocam-se até à praia do mar. Esse encontro é um momento maravilhoso onde o profano é todo ele presente, pois há barracas onde se desfrutam de tudo um pouco, música e baile popular ao som de aparelhagem, “mata-galo” (...) e chega-se o momento em que as pessoas se atiram ao mar para dar mergulhos.

A conversa tida com a senhora idosa de 76 anos de idade de zona, disse que é costume nesse dia, à tarde, as pessoas dirigirem-se ao mar, para dar um mergulho, no mais absoluto silêncio, num tom triste e dolente, para a purificação da alma. E que com essa purificação de alma a romaria atinge o seu apogeu. Agora esta tradição passou para à praia de Calheta de São Miguel que reúne centenas de pessoas.

Contudo, para as tradicionais lembranças a décadas atrás, as pessoas beijavam-se, abraçavam-se após de se retirarem de água e ao entardecer reuniam-se numa casa da pessoa mais velha da zona, cantavam-se em volta dela e depois chega o momento de cada um regressar à sua casa.

3.1.2. Chã da Silva

Chã da Silva é uma aldeia, freguesia de Santiago Maior, do Concelho de Santa Cruz, encontra-se no vale de Ribeira dos Picos, à jusante, e situa-se a Sudeste da Vila de Pedra Badejo, numa distância de 4km, e estende-se desde Cova de Barro à localidade de Gudelha. Com o clima árido e semi-árido, apresentando apenas uma zona (Boqueirão) com um micro-clima específico, oferecendo condições para o desenvolvimento de algumas fruteiras nas encostas.

Ao contrário de Achada Laje, muito haveria para contar sobre os usos, os costumes e as tradições da população de Chã da Silva, pois alguns deles remontam aos tempos sem memória. Por essa razão, registamos apenas algumas das vivências que, de certo modo, nos encantam e se celebram em datas fixadas no calendário.

3.1.2. Cinza

Antigamente, chegada a Quaresma (tempo que vai desde quarta-feira de Cinza até ao sábado de Aleluia, organizavam-se grupos de mulheres que, depois do almoço tradicional, se dirigiam à Ponta Ribeira, uma das localidades de Chã da Silva, para aí cantarem e encantarem todo o visitante debaixo do som de batuque e da “tchabéta”. Pois, nesse dia não faltavam pessoas que vinham de várias localidades do Concelho e outras oriundas de freguesia vizinha, como São Salvador do Mundo. Era uma espécie de concurso entre grupos de batucadeiras de diversas zonas. Ao lado oposto de Ponta Ribeira, a zona de Sambacote, num pequeno campo de futebol onde frequentemente os rapazes organizavam jogos inter-zonas e mesmo inter-concelhos, brincavam-se aí o tradicional “mata-galo”. Havia uma pessoa que era o dono do galo e recebia de cada concorrente 10\$00 (dez escudos) para adultos e 5\$00 (cinco escudos) para os mais pequenos para a matança do galo. O concorrente era vendado os olhos com um pano escuro, dando-lhe umas voltas e é-lhe colocado o manduco na mão, a uma certa distância se encontrava o galo enterrado na areia/terra, ficando apenas a cabeça por fora. Se o concorrente acertar na cabeça do galo com o manduco, logo ele é o dono do mesmo; se não acertar, perde-se e avança outro interessado e assim sucessivamente.

A festa não pára por aí, pois à tardinha havia dança de “gira-discos” sempre nas mesmas casas, mais precisamente em Sechane e mesmo ali em Ponta Ribeira, até noite adentro. Era, pois um dia muito especial para os namorados, que só encontravam de tempos em tempos e, mesmo assim, as meninas tinham poucas oportunidades, porque estavam sob vigilância das mulheres vizinhas, na ausência das mães.

Destaca-se ainda em Chã da Silva outras manifestações que se estarão a perder anos após anos o seu brilho que outrora tinha. Trata-se de São João que se comemorava durante três dias (22, 23 e 24) de Junho, nas seguintes localidades: Poilãozinho, Ilhéu e Fonte Machado. A concentração das pessoas realizava sempre nos mesmos espaços, ou seja, nas casas dos senhores Casimiro Moreira, Ezequiel e senhor Nenezinho Preto.

É de sublinhar que o carácter desta festa é totalmente diferente das outras, pois a cerimónia nesses dias são especificamente as Ladainhas.

Contam os mais velhos que se entoavam as Ladainhas de “Todos os Santos” em honra do Padroeiro São João. Vinham de todos os cantos do Concelho os mais famosos cantadores e, para

muitos era uma forma de disputa ou desafio entre eles, pois estes antes dos dias do encontro afinavam a voz, porque sabiam que as pessoas reuniam para tirar a prova quem tinha melhor melodia e que encantava o público.

Na verdade, as pessoas lá estavam, velhos, jovens e algumas crianças curiosas que espreitavam lá dentro para que no dia seguinte fazer comentário com os colegas quem era o melhor da noite.

No entanto, durante a noite grupo e mais grupo entoava consoante a hora, mas sempre diferente. No percurso cantava as Ladainhas e parava-se, rezando as orações em honra dos defuntos.

Para a encomendação das almas, eram rezadas orações, chamando a atenção dos vivos para que se lembrem dos defuntos. Realizava-se sempre ao amanhecer, quando tudo parece calmo e sereno. Grupo de homens cantadores reúne-se à frente do altar armado e aí reza, cantando a encomendação das almas.

Ó almas que estás dormindo

Num sono tão profundo

Rezai um Pai-nosso

Pelas almas do outro mundo

(...)

As ladainhas terminavam na Misericórdia com uma prece cantada. O mestre manda acender as velas, saem cantando “*Vai ó luz, vai ó luz do espírito santo, vai ó luz da nossa companhia*”. Isso que se canta é, para que nessa última despedida, o caminho da alma ao céu seja iluminado, pois o caminho das trevas é caminho para o inferno. O “ó luz” é cantando e andando. No “ó luz”, cantam o “sem demora” – “*vamos, vamos sem demora, porque já não é deste mundo*”.

Aqui, o morto, o finado, é convidado a desaparecer desta casa com todos os seus companheiros que se julguem estarem juntos por toda a eternidade.

Os pratos são normalmente guisados e cuscus com leite, sendo este último um caso tradicional. Os bons grogues são usados desde o início da ladainha. Por último, serve-se o café de manhã que é tomado por todos.

Actualmente, o festejo de São João nas localidades atrás mencionadas perdeu muito o ritual da outrora. Se festeja apenas um dia, dia 24 de Junho e com fraca participação das pessoas. Já não se

verifica a presença de pessoas estranhas, que outrora vinham de vários pontos do Concelho. E, além disso, a tradição se mantém apenas numa só localidade, a do Ilhéu. Os jovens aproveitam esse dia para uma diversão diferente, isto é, prepara-se baile de aparelhagem, um pouco afastado da casa onde há ladainha, a fim de não perturbar os velhos nas suas cerimónias.

Nota-se que há desinteresse por parte dos jovens em seguir e aprender o cântico de reza e ladainha. Segundo outros, não se pode comparar de maneira alguma as tradições, os hábitos, os usos e costumes da outrora com os de hoje. Justificam que antigamente tudo era diferente, pois a chuva era regularmente em todos os anos; tudo era avontade. Agora não se pode preparar em condições a festa de São João. Já não se consegue criar um porco, um bode e muito menos um boi para dar as pessoas.

Considerações finais

Como já se referiu, as manifestações culturais em Santa Cruz, à semelhança de outros pontos da ilha e do país em que se insere, carece, nos seus traços gerais, de particularidades específicas vincadas. De facto, à excepção do Batuque, Funaná e Tabanca, os mais referidos, pouco há a registar. Raramente se houve, referir-se por exemplo da “reça”, da ladainha, do S. João em Chã de Silva, entre outras manifestações de romarias frequentes em vários aglomerados populacionais.

Mas, apesar desta diversidade de manifestações culturais, o estudo das mesmas permitiu algumas conclusões com interesse, contribuindo, por um lado, para o melhor conhecimento cultural do Concelho, no âmbito do estudo da Literatura Cabo-verdiana, em particular, e, por outro, para clarificação junto dos testemunhos, dar a conhecer as populações de Santa Cruz e em particular os mais jovens no âmbito geral.

Embora com apreciáveis índices de vitalidades por pequenos grupos, e, consequentemente, poucos recursos estão na base da classe social, em Santa Cruz, é uma realidade, que, de alguma forma, se reflecte na sua expansão e divulgação, citando, por exemplo, o caso da “Tabanca Reça”. Com efeito, se a pesquisa feita em alguns pontos do Concelho mais ou menos pormenorizada, tanto do ponto de vista objectivo, como no que concerne às atitudes dos entrevistados, demonstram características específicas, também deixaram entrever que há realmente razão de ser e dar continuidade para que se redescubra as raízes identitárias culturais no Concelho.

Chegadas que somos no fim do nosso trabalho damo-nos conta de complexidade que comporta enveredarmos por trabalhos desta natureza.

No entanto, foi um trabalho que nos trouxe alguma satisfação dado o contacto que estabelecemos com várias pessoas das diferentes localidades.

Apesar de alguns constrangimentos da ausência de pessoas em casa e falta de tempo e documentação, conseguimos ultrapassá-los, quando aqueles, por nós contactados, tomaram consciência do quão importante e significado de registar saberes culturais nos mais velhos e transmiti-los aos mais novos.

Aprendemos muito mais do que aqui é manifesto. Ao conversarmos com as pessoas, muito mais nos relataram mas que, dada a índole deste trabalho, não cabe incluir.

No entretanto, o resto fica para uma outra oportunidade com a vantagem de agora nos sentirmos mais enriquecidos e mais sensibilizados para a valorização do património cultural santacruzense.

Referência Bibliográfica

A – Livros

B – Trabalhos não – impressos

A – Livros:

- BERNARDO, Bernardi. *Introdução aos estudos Etno-Antropológicos; Perspectivas do Homem*. Edições 70. 1974.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde Formação e Extinção de Sociedade Escravocrata*. Instituto Caboverdiano do Livro. Praia 1983.
- CARREIRA, António. *Notícia Corográfica e Chronológica do Bispado de Cabo Verde*; Edição do Instituto Caboverdiano do Livro, Lisboa – 1985.
- FERREIRA, Manuel. *A Aventura Crioula*, 3ª Edição – Revista, Plátano Editora, 1967.
- FILHO, João Lopes. *Cabo Verde. Subsídios para um Levantamento Cultural*. Plátano – Editora – L. 757 – 81.
- FILHO, João Lopes. *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*. Edição ISE, Praia 2003.
- FILHO, João Lopes. *Olhares Partilhados*. Edição, Instituto de Biblioteca Nacional, Praia 2003.
- JÚNIOR, Júlio Monteiro. *Os Rabelados da Ilha de Santiago, de Cabo Verde*. 1974.
- LAPLATINE, François. *Aprender Antrologia*, São Paulo, Edição Brasileira, 3ª Edição. 1988.
- OSÓRIO, Osvaldo. *Cantigas e Trabalho, Tradições Orais de Cabo Verde*. Edição, Comissão Nacional para as Comemorações do 5º Aniversário da Independência de Cabo Verde – Subcomissão para a Cultura.
- SANTOS, Eduardo dos. *Missionologia do Ultramar Português I, Lições para os Cursos de Estudos Ultramarinos*, Lisboa, 1968.
- SANTOS, José dos. *O que é Cultura*, Editora Brasileira, 6ª Edição, 1987.

- SEMEDO, José Maria e TORANO, Maria R. *Cabo Verde – O ciclo ritual das festividades da Tabanca*, Spleen – Edições, Praia, Junho de 1997.
- VASCHETTO, Bernardo P; O. F. M. Cap, *Ilhas de Cabo Verde: Origem do Povo Caboverdeano e da Diocese de Santiago de Cabo Verde*. Edição Farol, Bóston, 1987.

B – Trabalhos não – impressos:

- ÉVORA, Livramento Paulino, *História de Cabo Verde*, Praia Janeiro de 1983.
- Programa Municipal de Luta Contra a Desertificação /versão provisória), Setembro de 1997.
- Plano Ambiental Municipal-Município de Santa Cruz (versão zero), Agosto de 2003.
- Revista da Câmara Municipal de Santa Cruz, nº 0, Junho de 2002.
- _____, nº 3, Julho de 2006.
- Revista Semestral, Ano 2/Julho, 1998.

4 Anexo 1

GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS PESSOAS:

Nome _____

Profissão _____

Idade _____

Localidade _____

5 Questões:

5.1 A respeito das manifestações culturais no Concelho de Santa Cruz:

a) Indica-as: _____

b) Diga quais as mais relevantes: _____

c) Cita as que já desapareceram: _____

- Porquê? _____

- Quando? _____

5.2 Do seu ponto de vista qual a relação existente entre a festa religiosa e a pagã?

5.3 Acha que se deve separar uma da outra?

5.4 Em relação à Festa de 25 de Julho (Nhô Santiago Maior):

a) De acordo com o seu conhecimento poderia referir à origem desta festa?

b) Um panorama geral das festividades e dos seus pontos salientes.

c) Quais são outros elementos importantes que fazem parte desta festa?

d) Antigamente, a festa de Nhô Santiago Maior tinha o mesmo sentido que actualmente?

e) Quais os pontos positivos e negativos desta festividade de base?

Positivos:

Negativos:

5.5 Quando surgiu Tabanca em Santa Cruz?

5.6 Podia citar algum grupo de que recorda?

5.7 Sabe que na Tabanca há norma que se deve cumprir:

a) Quem comanda o grupo?

b) Como era formado?

5.8 Sabe explicar como foi que desapareceu a Tabanca em Santa Cruz?

5.9 Como considerava a festa de Tabanca em relação às dos Santos?

5.10 Actualmente, há algum grupo de Tabanca no Concelho?

5.11 Se há, em que localidades? _____

5.12 Que comparação faz da Tabanca de hoje em relação à de décadas?

5.13 Durante o tempo Colonial, quais eram a relação das nossas manifestações culturais (Tabanca, Batuque e Funaná) com a Igreja?

5.14 Na sua opinião, acha que os jovens de hoje vêm valorizar, promover e defender o património e a identidade das manifestações culturais em Santa Cruz?

5.15 O que acha que deve ser feito para a preservação das manifestações em Santa Cruz?

Esta entrevista enquadra-se no âmbito do Trabalho Científico de Fim do Curso para a obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses. Pretende-se fazer um levantamento das manifestações culturais em Santa Cruz e estudá-las de forma a preservá-las. Pode crer que a sua resposta dará grande contributo para a efectivação deste estudo.

Obrigado!

6 ANEXO 2

6.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Cesário Ramos Moreira**

Profissão: Professor Secundário, Licenciado em Geografia

Idade: 56 anos

Localidade: Achada Fátima – Pedra Badejo

Respostas:

- a) Tabanca, Funaná e Batuque.
- b) Batuque.
- c) A Tabanca, na década de 70 e praticamente não sei, não tenho neste momento argumentos para justificar e nem tenho em mente a data exacta.

2. Há, certo modo, pois há quem não pratica. Oficialmente não há nada que a condene, a meu ver, pois não conheço...

3. De certo modo sim, por outro lado, a festa pagã apresenta mais brilho, de forma a dar mais ênfase e, neste caso atrai mais pessoas.

4.a) Nhô Santiago foi um apóstolo. A fundação da Paróquia encontrava-se na localidade de Ribeira Seca, mais precisamente em Achada Igreja.

4.b) Para a população actual é o festival, mas para os cristãos é a celebração eucarística, que conta com a presença de Bispo, padres de outras paróquias e outros convidados. Para os fiéis, é uma forma de cumprir promessas para com o Santo Nhô Santiago.

4.c) Desporto, corrida de cavalo, pedestre, natação, jogos (futebol, cartas, boxes, karaté, entre outros.

4.d) Antigamente a cultura era mais forte, o Funaná, o famoso tocador, Toti Lopi que tocava, mas gaita puro e ferro mesmo. Hoje tudo é misturado com elementos electrónicos; o batuque e tchabéta na perna, um coordenador de terreiro, podem ser finador ou finadeira. Tinha muito mais brilho. Por exemplo, na véspera de festa de Nhô Santiago, tinha um senhor que era proprietário, denominado Nhô Eugénio de Boca Larga, que habitualmente todos os anos saía da sua localidade acompanhado

de um grupo de batucadeiras e tocadores de gaita e ferro, a pé, “de baixo” de bebidas e foguetes até chegar a Capela – Vila de Pedra Badejo, com comes e bebes até o raiar do Sol. Coisa que hoje já não se acontece.

4.e) Festival é considerado muito positivo. Apontaria como negativos: a comercialização de drogas e a prostituição. Relativamente a guerras e outras más acções, são menos, visto que agora há mais autoridades do que outrora.

5. Não me lembro.

6. Penso que havia apenas um grupo.

7.a) Rei e Rainha.

7.b) Não me recordo.

8. Não tenho a data precisa.

9. Não prefiro falar isso agora.

10. Sim.

11. Em Achada Igreja e Salina.

12. Antigamente havia mais autoridade no grupo. Quem participava tinha que cumprir, pagando a quota, caso contrário era tomado qualquer coisa de valor em sua casa. Agora isso não acontece, pois outrora era mais original.

13. O papel da igreja era extinguir as culturas, pois procurava eliminá-las, chegando mesmo a aplicar castigo. Só a partir da década de 70, com o chefe de Polícia no Concelho, Nharitanga, este autorizou os grupos a se manifestarem livremente.

14. Sim, só que com a globalização, há mistura de cultura – aculturação e, por isso não tentam conservar o real como outrora.

15. Trabalhar no sentido de preservá-los e dar mais estímulos aos cultores a fim de sentirem mais motivados para apoiar os jovens. Criar escolas de Batuque, Funaná, por exemplo.

7 ANEXO 3

7.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Pedro Gomes dos Santos**

Profissão: Agricultor

Idade: 51 anos

Localidade: Achada Fátima – Pedra Badejo

Respostas:

1.a) Funaná, Batuque e Tabanca.

1.b) Funaná e um pouco de batuque.

1.c) Não digo que desapareceram. No entanto, há alguns sinais de vitalidade um pouco de cada um.

- Porquê? Com a introdução de padres da Congregação de Espírito Santo, estes tentaram impedir o funaná.
- Quando? A data neste momento não me lembro.

2. Não há uma estreita relação entre a festa religiosa e pagã, pois a igreja sempre condena a festa pagã e até chegou, por intermédio das forças locais de então, castigar aqueles que, nas festas de baptismo ou casamento festejassem com o funaná.

3. Não!

4.a) São típicos tradicionais africanos.

4.b) Em termo religioso, as festas ainda são ricas. Há um envolvimento de pessoas ligadas à igreja. Os fiéis e os visitantes, sobretudo por ocasião da festa mais rija que é Nhô Santiago. A nível pagã, é também de destacar, pois milhares de pessoas passam por aqui, a Vila, sobretudo para o festival na “Praia Areia Negra”.

4.c) Os pratos tradicionais. São confeccionados vários tipos de pratos, como por exemplo: mandioca com carne de porco ou de cabra, guisado de galinha com batata, xerém, arroz e muitos outros, para além de grogue, vinho, cervejas e entre outras.

4.d) Antigamente, a festa tinha mais sentido, porque o povo a tomava como se fosse coisa sua, ou seja, era uma espécie de “djunta-mó”.

4.e) – Positivos: mais solidariedade e mais amizade;

- Negativos: mais drogados, mais prostituição, mais roubo e mais delinquências.

5. Só sei que a Tabanca de Santa Cruz veio de Engenho de Santa Catarina.

6. Recordo-me da Tabanca de Salina, Ponta Achada e Porto Madeira.

7.a) O grupo era comandado por um rei ou uma rainha.

7.b) Principalmente por polícia, falcão, rei, rainha e outros elementos.

8. Talvez por falta de azágua, pois sem fartura não há nada.

9. Era autêntica perseguição por religião católica.

10. Não muito expressivo.

11. Achada Fazenda, Ponta Achada e Salina
12. Brinca-se menos agora. Não sei porquê, mas talvez seja o fraco recurso financeiro.
13. A relação era péssima. Chegaram mesmo a proibir essas manifestações, sobretudo a Tabanca e o Funaná.
14. Normalmente, mais virado para o funaná.
15. Criação de espaço equipado com todos os instrumentos, onde os jovens possam aprender de tudo um pouco.

8 ANEXO 4

8.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Inácia Maria Gomes Cardoso (Nácia Gomi)**

Profissão: Camponesa/ Finadeira

Idade: 81 anos

Localidade: Achada Campo-Trás – Pedra Badejo

Respostas:

1.a) Batuque e Funaná

1.b) Para ser sincero, diria que é o Batuque que é o meu ramo.

1.c) A Tabanca, a ladainha e as rezas.

- Porquê? Tudo mudou. O tempo já é outro. Já não há chuva.
- Quando? Não sei.

2. Sempre houve rancor entre a igreja e as festas de rua. A razão não sei bem explicar.

3. Apesar de ser católica, todos nós somos irmãos e, por isso, acho que todo tem o seu direito de brincar como quer.

4.a) Origem das festas. Não me lembro.

4. Seria a festa de Cristo-Rei que agora não se brinca e não sei porquê.

4.c). Para mim é a missa solene. Contudo, sou muitas vezes chamada para animar a festa com o meu grupo de Batuque.

- 4.d) Antigamente tudo era diferente. Era muito mais alegre. Hoje há muitas coisas que estragam as festas.
- 4.e) -Positivos: A missa
- Negativos: Fala-se muito das “paguinhas”, rapazes e meninas descontrolados por todos os lados.
5. Não sei.
- 6.Fala-se a de Salina ou Ponta Achada.
- 7.a). Há rei, rainha/ mandora.
- 7.b). Rei, rainha/ mandora, falcão, soldados, etc.
8. Talvez por causa de muitas injustiças e/ou falta de fartura, pois já não há chuva em abundância.
9. Sempre havia separação.
10. Sim.
11. Como disse. Ouvi alguém falar de Salina.
12. Tudo é diferente.
13. As igrejas (padres) não gostavam que as pessoas animassem as festas com gaita.
14. Muita coisa deve ser feita para que os jovens mudem de ideias, porque não vejo algum interesse.
15. Muita coisa. Todas as pessoas de boa vontade que façam o que poder ou o que têm.

9 ANEXO 5

9.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Virgínia Baessa**

Profissão: Professora, Deputada Nacional e Secretária do Conselho Paroquial

Idade: 39 anos

Localidade: Achada Fátima – Pedra Badejo

Respostas:

- 1.a) Tabanca, Funaná e Batuque.
- 1.b) Batuque. Agora há vários grupos no Concelho.
- 1.c) A Tabanca. Reapareceu, contudo precisa-se de dar mais atenção.
- Não me lembro.

- Também não me recordo.

2. Depende. Não porque a religião condena a festa, pois esta também dá alegria. A festa pagã leva a pessoa a cair no pecado. Por isso, a igreja tem tido a condenar o Funaná nos tempos passados.

3. Não. Não se pode separar. Sempre que houver festa religiosa, a pagã a acompanha para dar mais alegria, divertimentos e até faz encontros entre amigos e familiares. As pessoas cristãs vão a missa e outras divertem-se como queiram.

4.a) O que posso adiantar é que Nho S. Tiago Maior é o padroeiro da Freguesia.

4.b) Como cristã, digo que é a celebração eucarística.

4.c) São as actividades culturais e recreativas. Também a corrida de cavalos, de bicicleta e actuação de artistas, sobretudo no festival de Areia Grande e véspera do dia 25, ou seja, dia 24 de Julho.

4.d) Acho que tinha mais novidades e mais vinda de pessoas de fora.

4.e) **Positivos:** Actividades de diversão para jovens, pessoas que vêm de fora e também para conhecer alguma manifestação local, conhecer artistas do Concelho e não só.

Negativos: Um pouco de “briga” e desavença entre pessoas, talvez seja por causa da droga.

5) Não sei.

6.) Não.

7.a) Sim, há normas que devem ser respeitadas, como qualquer coisa sempre há norma. Por isso, há rei e rainha.

7.b) Era formado, para além do rei e rainha, havia também falcão, soldados e entre outros elementos.

8.) Não sei explicar isso.

9.) Como disse atrás, uma complementa outra.

10.) Sim.

11.) Ouvei dizer que há grupo em Salina

12.) Antigamente era mais organizada.

13.) Era um pouco proibido. As pessoas não podiam praticar essas manifestações que já referimos atrás.

14.) Em parte. Há algo feito para preservação, mas precisa fazer muito mais, a fim de incentivar os jovens.

15.) A nível camarária e próprio governo devem fazer algo mais e dar apoios para poderem recuperar todas as manifestações culturais existentes.

10 ANEXO 6

10.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Antonino Vieira Ramos Varela**

Profissão: Professor Primário

Idade: 45 anos

Localidade: Porto Madeira

Respostas:

1.a) Batuque, Funaná, Festival, Corrida de cavalo e Reça.

1.b) Batuque, Festival, Funaná e Tabanca.

1.c). Tabanca

- Porquê? Falta de apoio financeiro e elementos disponíveis para formar o grupo.
- Quando? A partir dos anos 70.

2. Festejo comum do Padroeiro, convivência entre amigos e cumprimento de promessas.

3. Não, porque é o mesmo Padroeiro que é festejado pela comunidade.

4.a) A origem desta festa é derivado a Patrono Redentor da Igreja chamado Nho Santiago Maior.

4.b) A festa é sempre rija, com fregueses oriundos de todo canto da ilha. É festejado com grande romarias.

4.c) Corrida de cavalo, de atletismo, de natação, jogos de oril, carta, dama, etc.

4.d) Esta festa continua sempre com o mesmo sentido e foi sempre rija e ambientada.

4.e) -Positivos: Festejo do Padroeiro, convivência fraternal e divulgação de culturas.

- Negativos: Excesso de uso de álcool, alguns desentendimentos causados pelo álcool e também de drogas.

5. Na década dos anos trinta.

6. Não me recordo.

7.a) -----

7.b) -----

8. Causa religiosa, emigração, recursos financeiros para fundos e instrumentos.

9. Eram opostas. A tabanca para os não católicos e a dos santos para crentes (religiosos).

10. Não há grupo formado, mas há alguns elementos vivos que pertenciam grupos anteriormente.

11. Esses elementos são de Ponta Achada e Salina.
12. A Tabanca de ontem era formado por grupos vivos da comunidade e a de hoje é fracassada.
13. Havia uma relação de independência: a manifestação religiosa e a cultural.
14. Acho que sim, porque os jovens estão a reorganizar-se, procurando meios cada vez mais propícios para implementar na sociedade moderna, (novas tecnologias, artifícios e ideias) culturais, criando assim novas culturas locais e/ou nacionais e aculturação, e convívios interculturais.
15. Afirmar nos grupos organizados, isto é, com apoios sociais e principalmente promover o desenvolvimento artístico nas crianças, adolescentes e jovens, de modo a que se sintam o gosto por essas práticas.

11 ANEXO 7

11.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Simão Fernandes de Carvalho**

Profissão: Trabalhador/Agricultor

Idade: 63 anos

Localidade: Chã de Silva

Respostas:

1.a) Funaná, Batuque, Tabanca e festas locais destinados aos Santos.

1.b) Funaná e Batuque.

1.c) A Tabanca e as festas locais com menos brilho.

- Porquê? Falta de tudo. De boa vontade e mesmo de iniciativa por parte de quem governa.
- Quando? Ali por volta de 1968/9.

2. Não há boa relação. Sempre a igreja tenta proibir as festas de cariz pagãs.

3. Não vejo razão para tal, pois todos nós somos cristãos, filhos de Deus.

4.a) Desde que eu nasci encontrei as ditas festas e tradições, razão pela qual não sei quais as suas origens.

4.b) Agora muita coisa mudou. Os jovens querem coisas mais modernas. Tempos atrás, havia bailes de gaita e ferrinho, clarinete, sobretudo nas festas de Nho Santiago Maior.

4.c) Jogo de futebol entre as selecções de Santa Cruz e interior de Santiago e Maio, ilha vizinha, corrida de cavalo e outras coisas.

4.d) Para mim, de certa forma sim. Agora tudo é virado para jovens.

4.e) -Positivos: Baile de Clarinete de “Cesário Boca” e gaita – antigamente. Agora, a corrida de cavalo.

- Negativos: Há muitos drogados e alcoolizados que não deixam as pessoas em paz.

5. Por volta 1937/8.

6. Sempre havia grupos em Ponta Achada, Salina, Achada Fazenda e Porto Madeira.

7.a) O rei ou mandora.

7.b) Por rei, rainha, soldados, falcão e outros que cantavam e dançavam.

8. No meu entender é por falta de chuva, de azágua e apoios de quem governa.

9. É uma festa divertida como as outras. Contudo, sempre havia represálias por parte das igrejas e governo na altura.

10. Ouvi dizer que sim.

11. Creio que é em Salina.

12. Tudo é diferente. Antigamente havia mais divertimentos. A festa prolongava-se vários dias seguidos com comes e bebes para toda gente. Agora não se verifica isso.

13. Condenava as nossas manifestações culturais. Muitas pessoas foram condenadas à prisão e pagar multas.

14. Penso que sim, porque caso contrário as nossas raízes culturais vão perder para sempre. É necessário, por isso, sensibilizar quem tem o poder de decisão, a fim de apoiar os jovens, porque eles não têm base.

15. Apoiar os jovens e criar centros de acolhimentos dos mesmos, com instrumentos que lhes possam garantir a aprendizagem e preservar ainda o que nos resta.

12 ANEXO 8

12.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Francisca Mendes da Veiga**

Profissão: Doméstica

Idade: 76 anos

Localidade: Achada Laje

Respostas:

1.a) Eu acho que são Batuque, Funaná. Tabanca, Festas dos Santos, Festa de Cinza, etc.

1.b) Batuque e Funaná.

1.c) A Tabanca e algumas festas tradicionais como por exemplo a “Família Agrária”.

- **Porquê?** Tempos atrás, havia azágua por todo lado porque todo o ano chovia. Por isso, festejava-se todos os santos.
- **Quando?** A partir do momento em que se passou a chover menos. Não há comida para fazer festa. Porque festa é festa e deve-se fazer comida para toda gente – os forasteiros que vêm de longe sem nenhum parentesco na zona.

2. Muitas vezes fazia festa escondida, quando há baile de gaita e ferrinho porque a igreja castigava o dono da casa. Era coisa proibida, mas era divertida.

3. Não, porque a festa tem de ser misturada. É sempre assim, festa religiosa por um lado e festa pagã por outro. Caso contrário já não se sente feliz, pois há que haver brincadeiras e divertimentos.

4.a) Sempre havia festas. Não sei como pararam em Santiago, mas o certo é que se festejava tempos atrás e com mais pomposidade. Prolongava-se três dias e tudo era avontade.

4.b) No meu tempo, era baile de gaita e ferro, de clarinete em casa do senhor Loté de Barros, em Pedra Badejo. Ora gaita, ora clarinete, ora rabeca. Era ver o desfilar das Tabancas pelas ruas da vila, cantando, pulando, em fim, coisa bonita.

4.c) Corrida de cavalo, celebração da missa e receber hóspedes em casa.

4.d) Tudo era diferente. Agora as coisas mudaram.

4.e) **-Positivos:** Tem a ver com a presença dos visitantes, emigrantes e missa solene.

- Negativos: Aquela coisa de droga que ao jovens estão usando, roubando os pais e mesmo as pessoas estranhas, por ocasião das festas.

5. Não sei.

6. Havia tabancas em Salina de Pedra Badejo, Ponta Achada e Achada Fazenda.

7.a) O Rei.

7.b) Era formado por Rei, Rainha, falcão, ladrão, tocador de corneta...

8. Talvez seja por causa da falta de chuva e também por impedimento do governo português.

9. A festa de Tabanca era sempre vigiada pelas autoridades eclesiásticas, por mando do governo de então.

10. Sim.

11. Parece que há em Salina de Santiago (Pedra Badejo

12. Antigamente brincava-se mais. Agora não.

13. Era totalmente diferente de que hoje. Havia castigo. Hoje parece que há incentivo por parte do nosso governo. Tempos atrás não se podia festejar tabanca, batuque e funaná em qualquer lugar e mesmo em casa.

14. Alguns. Há pouco interesse em aprender coisas do passado.

15. Deve apoiar quem tem gosto e quem está com vida, porque “ nu naci nu aqel, nu ta mori nu ta dexal”.

13 ANEXO 9

13.1 ENTREVISTAS:

Nome: **Francisco (Frank de Yotcha)** – membro da ex. – Tabanca de Ponta Achada, cantor de “reça” e de ladainha.

Profissão: Trabalhador

Idade: 81 anos

Localidade: Ponta Achada

Respostas:

1.a) Tabanca, ” reça”, ladainha, Batuque e Funaná.

1.b) A Tabanca, a “reça” e a ladainha.

1.c) A Tabanca, a “reça” e a ladainha, não na totalidade, muito fraco. Hoje há alguns sinais

- **Porquê?** Falta de boa vontade e de recursos. Não há chuva e nem comida avontade.
- **Quando?** Ali por volta 1972/73.

2. Ora, apesar de eu ser analfabeto, lembro-me perfeitamente de que a religião católica não gostava nada de Tabanca, por exemplo. O povo é teimoso, porque houve várias tentativas de acabar com a Tabanca, mas devido a teimosia de algumas pessoas a Tabanca resistiu, pois os nossos materiais estão guardados.

3. Nunca. A festa é de todos. Cada qual tem a sua fé e deve respeitar um e outro.

4.a) Encontrei a festa de Tabanca, Batuque, as ladainhas, as reças e as festas de santos padroeiros. Por isso, não sei como é que surgiram. Não tenho leituras por essas coisas.

4.b) Antigamente era a festa de Família Agrária e Nho Santiago Maior. Era coisa de fartura. Recebíamos hóspedes de todos os sítios. E Tabanca estava sempre presente nas festas.

4.c) Os divertimentos entre as pessoas visitantes e outras coisas.

4.d) Tinha mais brilho porque havia tudo (porco para matar, galinha de terra, mandioca, batata, em fim, tudo era avontade.

4.e) **-Positivos:** Amizade das pessoas, dos visitantes. Para os católicos, é claro que é a missa. Para os não católicos são os bailes e outras coisas de jovens.

- Negativos: O desentendimento entre as pessoas. De todas as idades nota-se que há desavença. Roubos e outras coisas.

5. Não sei bem isso.

6. A Tabanca de Ponta Achada, Salina, Porto Madeira, Achada Fazenda e Achada Igreja.

7.a) O Rei

7.b) Um governador, o rei, mandora, falcão, soldados, corneteiros, etc.

8. Por falta de boa vontade e, sobretudo, a falta de chuva.

9. Era uma festa dos não católicos.

10. Alguns sinais.

11. Em Salina.

12. Hoje quase não há Tabanca. A diferença é grande, sobretudo na maneira como se brincam. Os jovens já não têm interesse para essa tradição.

13. Não havia boas relações.

14. Os jovens de hoje já não estão interessados em promover as culturas. Contudo, acho que devem preservar o que nós temos e levar para frente.

15. Motivar os jovens e dá-los toda a oportunidade. Pois é criar condições, por exemplo criar escolas de ensino de culturas por alguns cultores locais e incentivá-los.

14 ANEXO 10

14.1 ENTREVISTAS:

Nome: **António Lopes Monteiro**

Profissão: Pedreiro

Localidade: Salina

Idade: 70 anos

Respostas:

1.a) Tabanca, Batuque, Funaná, festas de Nho Santiago e outras nas diversas localidades.

1.b) O funaná, as festas e batuque.

1.c) A tabanca, mas agora há alguns sinais em Salina.

- **Porquê?** O mundo mudou em todos os sentidos. Já não há chuva regularmente e nem há muito interesse em participar nas festividades, como o caso da Tabanca.
- **Quando?** A partir do momento em passou a não chover regularmente. Por outro lado, não há apoio, mesmo entre os elementos do grupo, nem por parte dos nossos dirigentes.

2. Acontece todas ao mesmo tempo, porque na verdade, não há festa religiosa separada da pagã. Quando há misturas é sempre mais rija. Contudo, a da religiosa sempre tenta condenar a festa pagã. Isso é coisa de antigamente.

3. Acho que não, porque todos nós somos cristãos.

4.a) Sempre há festas, mesmo antigamente nos tempos da escravatura havia, sobretudo no mês de Maio.

4.b) A festa de Nho Santiago, hoje. Antigamente havia festa por todo o lado e mesmo rija. Como por exemplo a festa de Família Agrária.

4.c) Hoje temos o festival de areia negra, por ocasião de Nho Santiago Maior.

4.d) Tudo é diferente. Hoje há novos costumes e hábitos dos jovens que não são iguais aos de tempo antigo.

4.e) **-Positivos:** Há sempre aquele ambiente de camaradagem entre as pessoas.

- Negativos: Muita malcriadez por parte dos jovens e até adultos.

5. Se a memória não me falha, a Tabanca em Santa Cruz apareceu antes da fome de 47.
6. Havia um grupo em Porto Madeira, em Achada Fazenda e Ponta Achada.
- 7.a) O rei ou rainha.
- 7.b) Por rei, rainha, soldados, falcão, damas, entre outros.
8. Talvez seja por causa da falta de azágua, de chuva.
9. Os crentes da religião católica condenam a Tabanca por ser “coisa de demónios”, de atrapalhação aos que têm fé.
10. Sim.
11. Actualmente como disse atrás, há um grupo em Salina.
12. Havia mais divertimento que agora. As pessoas brincavam durante dias e noites.
13. Sempre havia repudição por parte do governo de então.
14. Muito pouco os jovens fazem hoje para preservar o nosso património cultural.
 15. Deve haver mais incentivos e criar vários espaços de diversão.

15 ANEXO 11

15.1 ENTREVISTAS:

Nome: **António Lismano Correia e Silva**

Profissão: Professor (licenciando em estudos cabo-verdianos e portugueses).

Localidade: Vila de Pedra Badejo

Idade: 31 anos

Respostas:

1.a) O Funaná, o Batuque, a Tabanca, a Reça, entre outras.

1.b) O Funaná.

1.c) A Tabanca e a Reça

- **Porquê?** Talvez seja por motivo de não haver patrocínios às camadas jovens empenhadas no desenvolvimento cultural e artístico.
- **Quando?** Não me lembro.

2. Olha, eu diria que entre as duas há uma certa relação, porque sempre que há festa religiosa a da pagã está por perto.

3. Não vejo razão para tal, pois na verdade, somos nós quem promovemos as festas, sejam elas de cariz religioso ou pagão.

4.a) As origens das festas têm a ver com os tradicionais festas dos escravos no tempo colonial, todo o ano, no mês de Maio, ou seja, três de Maio onde eram libertos para festejar durante o dia. Com o desaparecimento dos escravos, as festas tradicionais continuaram até a presente data.

4.b) As festas de Nho Santiago Maior.

4.c) O ponto ou os pontos mais salientes da festa de Nho Santiago Maior são: as actividades desportivas, o festival na areia grande, todo mundo canta, corrida de cavalo e outras actividades de diversão.

4.d) Cada tempo é o seu tempo. Posso dizer que sim, para o meu tempo, ou seja, o dos jovens. Se perguntar a uma pessoa da terceira idade, decerto que responderia que antigamente a festa tinha mais sentido.

4.e) **-Positivos:** São as actividades que já aponte. Também é de se salientar o convívio entre os amigos e familiares.

- **Negativos:** Penso que tem a ver com a má conduta de alguns jovens que em vez de procurarem um bom caminho que lhes proporcionem uma vida melhor, enveredam para o mundo de droga, bebidas alcoólicas e outras coisas que em nada abundam a vida deles e mesmo à sociedade.

5. Não sei.

6. Sempre ouvi falar da Tabanca de Ponta Achada e de Salina.

7.a) Rei ou rainha.

7.b) Para além do rei e rainha há também falcão, soldados e outros elementos que, neste momento, não me recordo.

8. Talvez por causa do regime português de então, coadjuvado pelas igrejas católicas.

9. Pelo que se tem dito a esse respeito, desde sempre havia impedimento por parte das igrejas que as tabancas e mesmo o funaná que exercessem as suas actividades.

10. Sim.

11. Em Salina, mas com pouca expressividade.

12. Agora há pouca expressividade, por isso penso que antigamente tinha mais brilho.

13. Diria que sempre o regime colonial tentou a todo custo impedir que a cultura dos negros misturassem com a deles. Nesse sentido, houve sempre a proibição, sobretudo em Santiago.

14. De certa forma sim. Agora vê-se vários grupos por todo o lado a tentar fazer algo interessante. Contudo, o que lhes falem é o apoio por parte da direcção da cultura, em fim, das câmaras municipais e mesmo do governo.

15. Para além do apoio, criar escolas de arte em que ali serão desenvolvidas várias actividades culturais. Actividades da Tabanca, do Batuque, do Funaná, entre outras.

ANEXO 12

15.2 ENTREVISTAS:

Nome: **Filipa Fernandes Ribeiro**

Profissão: Doméstica

Localidade: Porto Madeira

Idade: 52 anos

Respostas:

1.a) Batuque, Funaná e Tabanca.

1.b) O Batuque.

1.c) A Tabanca.

- **Porquê?** Falta de iniciativa dos jovens e mesmo dos já mais velhos.
- **Quando?** Segundo os mais velhos, em Porto Madeira foi a partir da fome de 47. É claro que as pessoas já não podiam. Só agora, com a iniciativa da Abidjan criada em 1997 é que começaram a fazer alguma coisa, mas mesmo assim não avançou devido a fraca oportunidade dada aos jovens.

2. Acho que os católicos não muito gostam das festas como por exemplo da Tabanca, do Batuque e do Funaná, antigamente.

3. Todas as festas são festas e, por isso, no meu entender, acho que deve haver uma harmonia entre elas.

4.a) Quanto a isso não sei bem explicar, talvez as pessoas mais velhas.

4.b) Das festas que costumo passar, diria que são sempre rijas, contudo, agora há muitas dificuldades. Há falta de dinheiro, de trabalho, de azágua, em fim, de tudo.

4.c) Em relação à festa de Nho Santiago, são os bailes nas vésperas, o festival, a corrida de cavalo e o convívio entre os hóspedes e amigos.

4.d) Não.

4.e) **-Positivos:** Toda a ambiência da festa durante o mês de Julho.

- Negativos: O furto por ocasião da festa, as brigas, etc.

5. As pessoas mais velhas contam que a Tabanca surgiu ali por volta do ano de 1935 em Santa Cruz.

6. Da Tabanca de Ponta Achada e da Salina.

7.a) Rei.

7.b) Rainha, Rei, corneteiro, falcão, etc.

8. Falta de interesse e motivação.

9. Não havia uma boa relação uma vez que era proibido a exibição das actividades de Tabanca e Funaná no tempo colonial.

10. Sim.

11. Em Salina.

12. Hoje quase que não há Tabanca. Portanto, diria que antigamente era muito mais cativante e mesmo encantava mais as pessoas.

13. Não havia.

14. Muito pouco. Agora dificilmente encontra jovens empenhados em reviver as culturas do passado. Entretanto, em alguns lugares aparecem alguns curiosos.

15. Motivar e dar mais apoio em arranjar instrumentos, criação do espaço próprio para os ensaios e contratar pessoas dotadas de conhecimentos na área para os instruir.

ANEXO 13

15.3 ENTREVISTAS:

Nome: **João Pedro Moreno**

Profissão: Trabalhador

Localidade: Santa Cruz

Idade: 76 anos

Respostas:

1.a) Funaná, Batuque e Tabanca.

1.b O Funaná e o Batuque.

1.c) A Tabanca.

- **Porquê?** Muita coisa aconteceu. Já não há chuva como antigamente, em que quando se brincava o funaná ou tabanca era coisa para ver. Tudo na paz de Deus. Como não há fartura e nem trabalho para todos, é claro que as festas do antigamente acabaram por desaparecer.
- **Quando?** Foi quando a fartura deixou de existir por falta da chuva e também não há assim muito interesse, sobretudo por parte dos mais novos.

2. Antigamente, havia qualquer “coisa” que impedia que se festejasse, mesmo no baptismo ou casamento, misturassem batuque ou funaná. Pois, o dono da festa era castigado pelo pároco da igreja de o baptizar o filho ou mesmo de confessar durante um certo período.

3. Sempre que há festa religiosa, há a de pagã. Nesta óptica, penso que não deve separar uma da outra, até porque não faz sentido. Ora, o importante é que cada pessoa saiba respeitar a iniciativa dos outros.

4.a) Eu encontrei a festa por todo lado, desde que nasci. Portanto, o que eu posso adiantar é que há muita história acerca disso que não sei explicar.

4.b) Tempos atrás, havia festas mais rijas, como por exemplo a festa se Nho Santiago, a Família Agrária que hoje já não se festeja e outras. Havia um preparativo semanas antes das festas só para esperar convidados de outras freguesias.

4.c) Era o rebentar de foguetes por todo lado de véspera e dia, bailes de funaná, de rebecca, entre outras coisas interessantes.

4.d) Como disse, qualquer festa tinha mais brilho que as de agora. Bem, isso é para nós os mais velhos.

4.e) **-Positivos:** A amizade e a confraternidade entre amigos e familiares. Agora há muito divertimento para os jovens, como jogos, festival e corrida de cavalo.

- Negativos: Brigas entre amigos por efeito de álcool, desrespeito dos mais jovens em relação aos mais velhos, pois vê-se até crianças juntamente com os adultos dentro da sala de baile a dançar, coisa que outrora não acontecia.

5. Deve ser ali por volta de 1930 ou 1935.

6. Havia uns grupos famosos em Ponta Achada e Salina, que me lembro.

7.a) Rei, rainha ou mandora.

7.b) Rei, rainha ou mandora, corneteiro, soldados, falcão, etc.

8. Havia perseguição por governo colonial, as igrejas católicas também tentavam impedir e, por outro lado, a falta de chuva, pois não há mais boas azáguas.

9. Era consideradas festas dos pagãos e dos marginais.

10. Não.

11. -----

12. Antigamente brincava-se mais a tabanca do que actualmente. Havia festa durante três dias. Agora não vejo tabanca. Se aparecer num dia, logo após umas horas desaparece.

13. Não festejava avontade. Como disse anteriormente, havia perseguição por parte das autoridades coloniais.

14. Acho que não, porque não vejo jovens com interesse em preservar aquilo que herdaram dos mais velhos.

15. Acho que deve criar algo que dê mais gostos aos jovens.